

N<sup>o</sup> 5.517

LINGUISTICA

NOTAS

SOBRE A

LINGUA PORTUGUEZA

PELO BACHAREL

Julio Pires Ferreira



RECIFE

TYPOGRAPHIA DE F. P. BOULITREAU

1893

1205572

LINGUISTICA

—:—

NOTAS

SOBRE A

LINGUA PORTUGUEZA

POR

Julio Pires Ferreira

BACHAREL EM DIREITO



RECIFE  
TYP. DE F. P. BOULITREAU

1893

## PROLOGO

Nomeado para reger interinamente a cadeira de Lingua Nacional do Gymnasio Pernambucano, era propicia a occasião para publicar algumas notas que colligiramos sobre a sciencia da linguagem e especialmente sobre a Lingua Portugueza.

Não é, pois, nosso intuito appresentar novidades sobre tam importante assumpto.

O que vae explanar-se à vista do leitor é uma limitadissima campina serpeada e como que guarne-cida e protegida por vigorosos e possantes rios, as locubrações de eminentes escriptores que, como Max-Müller, Jacolliot, Whitney, Diez, Schleicher, Bopp, Hovelacque, Benfey, Leoni, Adolpho Coelho, Julio Ribeiro, etc. teem dedicado as suas maiores energias ao estudo d'esta sciencia.

São simples notas mais ou menos desenvolvidas, conforme o merecimento e importancia do assumpto, notas que fomos obrigado a tomar, desde que nos dedicamos a vida penosissima do magisterio.

Os que se dedicam, pois, ao estudo da Lingua Portugueza quasi nada encontrarão aqui que lhes prenda por um momento a attenção, mas aquelles que não dispõem de tempo ou de meios para folhear e consultar os philologos e linguistas modernos, lendo estas notas, por certo ficarão conhecendo mais al-

guma cousa do que lhes ensinam as grammaticas practicas.

Felizmente, o estudo que agora inicia-se sobre Portuguez é muito differente do que outr'ora fazia-se.

Já hoje ha, quem rompendo com as velharias, ouse, de uma cadeira, discutir a theoria de Rénan que diz que a linguagem é um organismo.

Sim ; é preciso ensinar aos alumnos de portuguez mais do que é praxe no ensino official, e do que se exige para o tam decantado *exame no fim do anno*.

O estudo da origem da linguagem e das linguas, seu desenvolvimento, progresso e futura morte são idéas que devem ir dando luz nos cerebros dos estudantes.

Não é necessario, porém, tratar das questões transcendentaes sobre a linguagem.

Assim como ensinamos aos discipulos o que é raiz sem que vamos buscar a origem della e suas transformações até a forma actual, assim como, muitas vezes somos obrigado para maior comprehensão a confundir na pratica as noções de raiz e radical, digamos tambem ao estudante que Schleicher considéra a linguagem como um ser dotado de vida propria, sujeito ás leis que regem todos os corpos, sem que precisemos aprofundar por exemplo, a questão sobre a lingua-origem, ou lingua mãe.

Portanto, publicando estas notas, procuramos resumir ligeiramente o que ha de mais importante no estudo de Portuguez, detendo-nos porém, ante a materia de que especialmente se preoccupa a Grammatica practica.

Recife, Junho 1893.

JULIO PIRES.

## NOTAS SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA

### Υ

*I—Nomes dados à sciencia da linguagem. II—Sua  
classificação. III—Formação da linguagem.*

### I

As investigações com um certo methodo que sobre a sciencia da linguagem se tem feito, são de data muito recente, pois que esta começou a ser assim considerada e a chamar mais e mais a attenção dos sabios, no principio do nosso seculo; isto tem tambem dado lugar a que, como poucas sciencias, ella receba tam grande numero de denominações, que os que d'ella se occupam ainda não accordaram sobre um nome unico e verdadeiro. Os nomes recebidos em França, Inglaterra, Allemanha são tam vagos e moveis, que idéas as mais confusas sobre o objecto desta nova sciencia, tem tido lugar.

Max-Müller chama-a *Sciencia da Linguagem*; Hovelacque, *Linguistica*; Ad. Coelho, *Glottologia*, e

ainda temos as denominações de *Philologia comparada*, *Etymologia Scientifica*, *Phonologia*, *Glossologia*, *Mythologia*, *Logologia*.

A *Sciencia da linguagem*, nome que foi adoptado tambem por Whitney, é o que está mais fóra de qualquer objecção.

O que parece menos fóra de duvida, é a seguinte distincção :

A linguística, é a sciencia dos factos da linguagem espontanea, popular, em todos os idiomas.

A philologia, é a sciencia dos factos litterarios e eruditos. O vasto campo da philologia é muitas vezes limitado por um adjectivo, e assim se diz : *Philologia COMPARADA*, que pouco differe da Linguística, na phrase de Abel Hovelacque.

O fim do ultimo seculo, que salientou-se pelo grande movimento scientifico, deu forte impulso a esta sciencia, já, pelas classificações das linguas feitas na Russia, sob o reinado de Catharina, por Adelung e Vater ; já, pela introduccção do sanskritto na sciencia da Europa, e finalmente pelas relações que Jones e Colebrooke encontraram entre as linguas europeas, e pela importancia destas relações.

D'ahi nasceu a *Philologia comparada* cujo principal precursor foi Frediriek Schlegel, e cujo fundador foi Franz Bopp, seguindo-se a este, Jacob Grimm.

Sobre a distincção entre o linguista e o philologo, é muito interessante o que nos diz Schleicher :

« O linguista, é um naturalista, estuda as linguas da mesma maneira que o botanico estuda as plantas.

« Deve abraçar com um golpe de vista o conjunto dos organismos vegetaes ; procura as leis de sua estrutura, as do seu desenvolvimento, porém, não se preoccupa de maneira alguma com o maior ou menor valor das plantas, com o seu uso mais ou menos precioso. A seus olhos, a primeira vinda daservas más póde ter tanto apreço como as rosas mais bellas, os lys mais raros.

« O papel do philologo é inteiramente differente.  
« Não é o botanico, é o horticultor com quem deve  
« ser comparado.

« Elle não emprega sua attenção senão a taes ou  
« quaes especies, que são objecto de um favor parti-  
« cular, é a belleza da fórma o que elle procura, é a  
« coloração, é o perfume.

« Uma planta inutil é sem valor a seus olhos »,  
E' á Allemanha, a quem cabe a gloria de ter  
creado a philologia comparada. Figuram ainda entre  
os contemporaneos allemães : George Curtius, Pott,  
Bemfey, Schleicher, Kun.

## II

A classificação das sciencias é cousa tam contro-  
vertida, que ainda mais vem variar as opiniões sobre  
a classificação da sciencia de que tratamos.

A opinião, porém, que tem tido alguma prepon-  
derancia, é a que divide em : Sciencias da natureza,  
que teem por objecto o dominio das forças incon-  
scientes, e sciencias do espirito, que teem por objecto  
o dominio das forças psychicas conscientes.

A nossa, é comprehendida na segunda classe.

E' verdade que em sua origem veem-se na lin-  
guagem algumas condições biologicas, o que parece  
indicar ser ella uma sciencia da natureza, como a bio-  
logia ; mas não será obra do espirito ( sciencia do es-  
pirito ) a transformação dos gritos primitivos em  
signaes theoricos do pensamento ? pergunta A. Coe-  
lho.

Sobre uma outra accepção, as sciencias dividem-  
se em *nomologicas e historiologicas*.

As primeiras estão sujeitas a uma lei, como a physica, a psychologia. As segundas acham-se sujeitas a evoluções, a transformações, como a historia natural e as sciencias historicas propriamente ditas.

A nossa sciencia, pois, é uma sciencia historiologica.

Sob outra accepção, podemos dizer que sendo a linguistica o estudo comparativo e philosophico das linguas, ella é uma sciencia natural, philosophica e historica. É natural e faz parte da phisiologia, quando estuda as leis puramente phonicas que presidem a formação dos sons. É philosophica, quando estuda as relações que o espirito estabelece entre o som e a idéa, quando se occupa da origem das fórmas grammaticaes, das raizes, das etymologias, das semelhanças e differenças que existem entre as linguas. É historica, quando segue a marcha das linguas, seu desenvolvimento, desde a infancia à velhice, e quando as classifica por sua filiação.

### III

#### *Formação da linguagem*

A classificação da sciencia da linguagem prende-se a grande questão sobre a sua formação.

Somente as raças humanas falam.

Que processo, porém, o homem adoptou, que systema seguiu para determinar certos sons á designação de determinados objectos ?

Herder com grande talento pretendeu demonstrar que a origem das primeiras palavras foi a onomatopéa.



E assim diz elle : « O homem vê um cordeiro, e não o vê como veria o lobo voraz. Em presença do cordeiro nenhum instincto irresistivel o perturba; quer conhecer este animal que vê pela primeira vez, mas não se sente impellido para elle pelos sentidos. A alma consciente e reflectida procura no cordeiro um signal caracteristico; solta elle um balido.

« Eis a caracteristica.

« O balido que produzio-lhe n'alma uma impressão mais forte do que as recebidas pela vista e pelo tacto e distincta della, permanece na memoria delle, como o signal representativo do cordeiro.

« O animal volta com o seu vello macio e alvo. O homem examina-o, reflecte, palpa-o e procura nelle alguma cousa, algum signal que o faça reconhecer. Ouve balar, reconhece-o. Ah! eis o animal que bala, diz a alma consigo mesma, e o som do balido que já antes o havia impressionado, torna-se para elle o nome do cordeiro. Este som é o signal comprehendido pelo espirito, isto é, a palavra; e o que é toda a linguagem humana senão uma collecção de palavras formadas desta maneira? ».

Essa theoria é muito atacavel.

Assim, pelo facto de algumas palavras serem formadas pela onomatopéa, como *cuco*, *cri-cri*, *bomba*, *tic-tac* segue-se que estas palavras constituam toda a lingua?

O proprio Herder que recebera um premio offerecido pela Academia de Berlin, pela melhor prova sobre a origem da linguagem, renunciou no fim da vida a esta theoria, que é batida por muitos philosophos e entre elles Condillac que diz: Porque suppor que o homem fosse pedir lecções aos passaros e aos outros animaes? Não possui elle mesmo, gemidos e gritos diversos, que lhe arrancam a dôr, o temor e a alegria?

Estas interjeições, estes gritos não serão o começo natural e real da linguagem; e todas as linguas

humanas não serão formadas desta maneira, [por um processo analogo ?

Respondemos como Max-Müller : A linguagem começa onde acabam as interjeições.

E qual a relação entre o riso e a interjeição « ha ! ha ! ha ! » entre a dor e « ai ! ai ! ui ! ui ! » ?

Horne Tooke diz mais : « O throno da linguagem foi levantado sobre a ruina das interjeições.

« As interjeições voluntarias só são empregadas quando a impetuosidade ou a vehemencia de alguma sensação ou paixão, fazem volver o homem ao estado natural, tirando-lhe por momentos o uso da palavra ou quando por qualquer motivo o homem não tem tempo para servir-se da linguagem ».

Uma outra theoria tambem é sustentada por Max-Müller na sua obra « Novas leccões sobre a sciencia da linguagem » : « As primeiras palavras, os typos phoneticos, as raizes de que todos os vocabulos derivam, foram produzidos « por um poder inherente a natureza humana ».

« No seu estado primitivo e perfeito o homem não era dotado simplesmente do poder de traduzir percepções em onomatopéas e de exprimir sensações a semelhança dos outros animaes por meio de gritos. Possuia tambem a faculdade de dar expressão articulada ás concepções da razão.

« Esta faculdade não a creou elle.

« Era um instincto, um instincto mental tam irresistivel como qualquer outro », diz elle na pagina 161 da sua obra.

Porém, perguntamos, como é que aquelle poder inherente a natureza humana se exerceu ?

Max-Müller, não nos explica. Antes digamos com A. Coelho : A linguagem é o resultado de um largo desenvolvimento e atraz da phase proposicional existio um periodo rudimentar em que a linguagem humana começou por não se distinguir da semi-

ca animal, (1) um periodo de manifestações immediatas emocionaes, que bem longe de desapparecerem nos periodos seguintes, continuam a surgir ainda hoje ao lado das manifestações da linguagem propriamente dita.

Podemos terminar com Jacolliot : « Quando fora de qualquer seita ou escola, lança-se um olhar sobre o caminho percorrido pela humanidade desde que ella sahio de seu berço de fabulas e legendas, para entrar no periodo historico, nada mais fere o pensador independente do que ver as concepções mais differentes sobre a linguagem e sua origem, tomarem todas por base factos positivos e adoptarem axiomas que teem necessidade de demonstração.

E' a questão da origem do homem.

Assim, sem transviarmo-nos no dedaio das discussões da escola, qual é a origem da linguagem ?

Em primeiro logar o homem, como o conhecemos, possui todas as faculdades necessarias à formação da linguagem. Por outro lado o estudo historico nos mostra que as linguas nascem, crescem e morrem.

Estes dous factos permitem nos affirmar que o homem construe a sua linguagem.

O homem naturalmente teve aptidão para falar, possuindo para isso todas as condições necessarias. E' crível que em começo só se communicasse por meio de gestos, de movimentos, de gritos, porém, pouco a pouco, reconheceu que podia emittir sons por sua espontanea ventade, depois observou que podia combina-los e serviu-se então desses sons simples ou complexos para designar os objectos.

O pensamento, como diz Jacolliot nas « Tradições indo-asiaticas » precedeu forçosamente a lingua-

---

(1) « Semica » em geral é todo o systema de signaes que servem para expressão do pensamento.

Ella, por isso, se divide em « glottica, mimica, e graphica ».

gem. A característica do homem não é a linguagem e sim a razão.

Podia, pois, formar sua linguagem.

A linguagem articulada é especial ao homem, embora, como diz Darwin, possa como os outros animais exprimir suas intenções por meio de gritos inarticulados, por gestos e pelos movimentos dos músculos do rosto.

## XX

- I Alphabetos. II— Classificação das linguas.  
III—Qual a que deu origem ás indo-européas?*

### I

A escriptura, na acceção mais geral, é um systema de figuras significativas com o fim de dar á expressão do pensamento uma forma permanente. Assim, a escriptura é ideographica, quando exprime as proprias idéas; phonetica, quando representa os sons que compõem as palavras.

Uma compõe-se de figuras desenhadas por emblemas ou symbolos; outra de sons, representados por letras.

A'quella pertencem os hieroglyphicos egypcios, os caracteres chinezes, os signaes symbolicos dos Mexicanos, os quipos dos Peruanos, e os preges que os antigos Romanos collocaram no templo de Minerva.

A esta, pertencem todas as linguas da Europa e algumas da America.

Na Europa e America a escriptura vae da esquerda para a direita; entre os mexicanos é perpendicular;

entre os Japonezes e Chinezes é obliqua ; e nos primeiros tempos da Grecia acham-se exemplos d'uma escripta chamada « boustrophédon », que vae da direita para a esquerda e vice-versa, alternadamente.

A forma primitiva da escripta foi inquestionavelmente a representação do que se pretendia dizer por meio da pintura.

Este modo de escrever usado pelos egypcios deu lugar a invenção dos hieroglyphicos. Aos hieroglyphicos seguio-se a escriptura syllabica.

O tempo, porém, foi aperfeiçoando as primeiras tentativas e chegou-se a decompor as syllabas em sons simples. Estava inventado o alphabeto, palavra que é formada das duas primeiras letras do alphabeto grego (*alpha e beta*) e que corresponde ao nosso *abécé* (a—b—c).

O hebraico, o chaldeu, o syrio e o italiano teem 22 signaes alphabeticos ; o grego, o gothico e o sueco 24 ; e allemão, o hollandez 26 ; o hespanhol 27 ; o arabe 28, não appresentando senão treze figuras diferentes, multiplicadas por meio de pontos, cujo numero varia com a posição ; o hungaro 31 ; o persa, o cophita 34 ; o turco, o bohemio 33 ; o polaco 34 ; o russo 35 ; o armenio e o georgiano 38 ; o siavão 44 ; o sanskrito 52.

Os semitas usam somente de consoantes e substituem as vogaes por vagos signaes de aspiração.

Os japonezes, os tartaros e os mandchús usam da escriptura syllabica. Os egypcios attribuem a invenção da escriptura ideographica a Thot ; ao Norte os scandinavos a Odin ; os judeus a Moyses, a Abrahão, a Enoch e até a Deus ; os gregos ora a Mercurio, ora a Cadmus.

Sobre a escriptura alphabetica, diz Champollion, que ella se deriva da ideographica.

Os egypcios, os chaldeus e os phenicios disputam a gloria de ter inventado o alphabeto.

Leon Waisse dá-a aos ultimos, cujo alphabeto

tem grande analogia com os dos chaldeus, hebreus, syrios, arabes, persas e armenios.

Segundo Platão, o alphabeto teve por autor ou um Deus ou um homem divinamente inspirado.

Philon dá a gloria a Abrahão, outros fazem remontar a Adão. Santo Agostinho reconhece-lho uma origem ante-diluviana.

Outros autores remontam a origem do alphabeto, à epocha da dispersão dos povos e creem vêr nas 16 letras de que se compunha o alphabeto primitivo hebreu ou phenicio, a indicação do numero das gerações decorridas desde a criação do mundo até este acontecimento.

Cicero diz contra toda a sua philosophia: *Non ex hac terrena mortali que natura concretus is esse videtur* falando do inventor do alphabeto.

No meio, porém, de toda essa confusão, uma opinião tem superado todas as outras.

Os caracteres alphabeticos foram introduzidos na Grecia pelo phenicio *Cadmus*, e diz até Herodoto, as letras chamavam-se phenicias ou cadméas. Os gregos, colonizando a Italia, introduziram o alphabeto entre os etruscos que o transmittiram aos romanos com algumas variações na forma dos caracteres; os romanos o espalharam por toda a Europa.

Todos os povos da Europa servem-se hoje da escriptura alphabetica, e este alphabeto é, moralmente falando, o mesmo entre todos elles, exceptuando o russo e o runico, outrora usado na Allemanha do Norte, Dinamarca, Suecia e Noruega.

O alphabeto romano trazido da Grecia pelo Areadio Evandre não teve a principio senão 16 letras, como provam as inscrições etruscas e eram: — a, b, c, d, e, f, i, l, m, n, o, p, r, s, t, u; mais tarde ajuntaram-se g, h, k, q, x, y, z; Claudio pretendeu augmentar mais 3 letras, porém esta innovação só durou o tempo de seu reinado.

Os romanos deram denominações differentes ás

do alphabeto grego com excepção do « zeta e upsilon. »

As letras « i, e u, » que tinham até o século 17.º o duplo papel de vogaes e consoantes foram substituidas pelos « j, e v. »

O y no latim foi adoptado na epoca de Cicero.

Mais tarde foi utilizado em palavras que não eram gregas : « inclytus por inclutus ; » « sylla por sulla », como diz Sengler.

O alphabeto é ainda hoje summamente defeituoso não só porque possui diversas letras para o mesmo som, como também porque possui a mesma letra para diversos sons.

Já Platão dissera : « Da-me um bom alphabetic, que dar-te ei uma boa lingua »

O mesmo já dizia Leibnitz.

## II

Tratemos agora também da classificação das linguas.

Em sua origem as linguas parecem ser monosyllabicas como o chinez, isto é, todos os vocabulos tinham significação propria e não admittiam alterações indicativas de genero, numero, caso ou pessoa, de tempo ou de modo.

Juntava-se uma raiz a outra, sem se modificarem, e as relações das palavras eram designadas pela posição que cada uma occupava na phrase : (« Pater » (pae), « mater » (mãe) « pater » (paes, ascendentes). Porém, com o correr dos tempos, algumas palavras que tinham por missão exprimir relações perderam a sua significação propria e primitiva e só ficaram existindo para essa missão ; as linguas em que esse phenomeno se deu, passaram por via d'elle, do periodo do monosyllabismo para o da agglutinação : temos as linguas agglutinantes.



Quando, porém, as raízes de uma lingua por meio de modificações de sua propria forma, puderam exprimir as relações que tinham com outras raízes, essa lingua entrou no periodo da flexão.

Esta divisão pôde ser resumida nas trez regras seguintes de Max-Müller: 1.<sup>o</sup>, as raízes podem ser empregadas como palavras, cada raiz conservando toda a sua dependencia; 2.<sup>o</sup>, duas raízes podem juntar-se para formar palavras, e assim pôde uma das raízes perder sua independencia; 3.<sup>o</sup>, duas raízes podem juntar-se para formar palavras e assim perder ambas sua independencia.

Entretanto não ha provas convincentes de que todas as linguas tenham passado por esses estados.

Segundo Sayce, as linguas provêm de palavras —phrases. As raízes são factos significativos para os grammaticos, e representam residuos, formas contrahidas.

As linguas de flexão que representam um periodo de desenvolvimento linguistico posterior e superior ao da agglutinação, dividem-se em linguas semiticas e indo-europeas, ou germanicas ou aryanas.

Entre as linguas de flexão e as dos periodos anteriores ao desenvolvimento linguistico, medeia um grupo: o kamitico.

Este grupo comprehende um pequeno numero de linguas quasi todas mortas e deu lhe nome a Biblia que chama aos egypcios, filhos de Kam.

As raízes semiticas são sempre formadas de tres letras, as mais das vezes consoantes.

As raízes indo germanicas, indo europeas ou aryanas, são sempre syllabas pronunciaveis em que entram vogaes.

A nomenclatura da linguistica ainda hoje está cívada de dous grandes vicios: a impropriedade e a falta de unidade.

Cada grupo de linguas foi buscar sua designação a uma parte diversa; este, ao Genesis, aquelle,

às tradições dos Aryas da Bactriana, est'outro á Geographia, etc.

Antes de classificarmos as linguas nos seus diversos ramos, vem a proposito citar a bella e justa critica que Jacolliot faz ás denominações dadas ás linguas como indo-germanicas, indo-européas e aryanas.

Diz elle: Temo-nos servido da denominação de indo-européa commum para designar a lingua reconstituída de que sahíramos differentes idiomas indo-europeus.

Bopp deu ao sanskritto, ás linguas iranianas, ás slavas, ás germanicas, ás celticas, ao grego, ás linguas da Italia, o nome de linguas indo-germanicas.

Esta denominação que ainda hoje prevalece na Allemanha, não resiste a menor critica sob qualquer ponto de vista que seja encarada, e é absolutamente viciosa.

Porque não se diz tambem linguas indo-italicas, indo slavas?

Alguns autores propozeram com mais vantagem a denominação de indo-celticas. Fundam-se n'uma razão geographica e é por isso accetavel sua opinião.

Porém, si o segundo termo é exacto, o primeiro não o é. A India, com effeito, não é somente occupada pelos idiomas alliados ao sanskritto; elia possui igualmente as linguas dravidianas que com as precedentes não tem laço algum de parentesco.

Um nome mais curto, e que parece fazer carreira, foi proposto: o de linguas aryanas.

Porém não está provado que os indianos e turanianos tivessem o nome de Aryas.

Oppert, Chavée e outros denominam a lingua europeia commum « aryaica ».

O nome de « indo-europeu » é muito vago, e comprehende mais que o definido, sendo que na primeira designação não estão comprehendidas as linguas iranianas.

Entretanto o nome de indo germanico está tão usado, que não se pôde pensar em mudar para outro.

Damos agora a lista da classificação das linguas :

Linguas: Monosyllabicas, Agglutinantes, e de Flexão. Entre as linguas monosyllabicas contamos : o Chinez, o Sianez, a Thibetana e poucas mais.

Entre as agglutinantes : as Africanas, Japoneza, Coreana, Mongolicas, Americanas, Samoyedas etc.

As de flexão : Kamitas, Semitas, Indo-Européas.

Entre as Indo-européas : Indiano, a que pertence o Sanskrito ; Hellenico a que pertence o Grego ; Iraniano a que pertence o Persa ; Lithuanico ; Celtico a que pertence o Islandez ; Slavo a que pertencem o Russo, Polaco, Servio, etc. ; Italico a que pertencem o Provençal, Francez, Italiano, a dos Grisões, Hespanhol, Portuguez ; e o Germanico, a que pertencem o Allemão, o Inglez, Hollandez, Sueco, Norueguez, Suevo, Irlandez.

E' impossivel determinar o numero exacto de linguas conhecidas ; ellas são mais ou menos 900.

Balbi no seu Atlas conta 860.

### III

Não cabe nos limites d'estas notas aprofundarmos a transcendente questão : Qual a primitiva lingua d'onde se originaram as linguas indo-européas, indo-germanicas, aryanas, aryacas ou sanskritas ?

Entretanto, como é nesso empenho tocarmos, embora de leve, em todos os pontos a que se prenda a sciencia da linguagem, diremos alguma cousa sobre este assumpto, tomando por nesso guia o grande e profundo L. Jacolliot.

Assim, alguns linguistas julgam ter havido uma lingua commum primitiva ; os allemães dão como ascendente a lingua dos Aryas ; outros o sanskrito.

São daquella opinião, a mais seguida, Hovelacque, Schleicher, Curtius, Huhn, Splegel, que pretendem ter encontrado uma velha lingua de Oxus (Aryas) d'onde originaram-se o sanskrito e todas as linguas indo-europeas.

Entretanto da lingua desses povos não resta um só monumento, uma inscripção ; a historia e a tradicção não affirmam a sua existencia,

Uma lingua mãe tam fecunda em produzir o sanskrito, o prakrito e cincoenta outros idiomas indus e os numerosos grupos de linguas iranianas, gregas, italicas, latinas, celticas, germanicas, slavas, scandinavas, não desapparecia sem deixar o menor traço.

Para que, pois, attribuir esta descendencia a uma lingua imaginaria, quando se pode tirar do sanskrito todas as formas do indo europeu commum ?

Acreditamos que não seja o sanskrito a primeira forma da linguagem creada pelas antigas populações da Asia ; mas, si não ha vestigio algum de uma lingua primitiva, si o sanskrito nas suas evoluções linguisticas pode explicar as formas geraes communs ás linguas europeas, para que negarmos esse direito a esta lingua cuja litteratura é a mais rica do mundo ?

E para terminar com o autor das « Tradicções indo europeas e africanas » : São os indus verdadeiramente autochtones, e filhos de seu solo ; é a civilisação da antiguidade partindo das margens do Ganges ; é o homem vermelho e sanguineo do Himalaya, vencedor do homem pallido e lymphatico do Norte ; é a luz intellectual, como a natural, partindo do Sul para ir clarear o Occidente.

---

*Origem da lingua portugueza—O latim*

A lingua portugueza pertence á classe das linguas indo européas e ao ramo italico.

As linguas d'este ramo dá-se o nome de néo-latinas ou romanicas e sobre as populações que a constituem, todos estão de accordo, que resultaram d'uma mixtura íntima de elementos mais ou menos heterogencos, e jamais pôdem ser comparadas ás raças germanica, slava, etc.

Foi a segunda guerra punica que trouxe as aguias romanás ao solo hispano.

Não foi, todavia, a conquista dos iberos empreza facil aos romanos. Dous seculos de guerras quasi continuas coube a estes para reduzir a Hespanha a uma completa subjeição.

Tendo, pois, os Romanos tomado e saqueado diversas cidades, degollado e vendido como escravos muitos dos seus habitantes, notando-se que no curto espaço de um dia Catão o Censorino, arrasou os muros de todas as cidades que ficavam no terreno do rio Betis ( prova que era grande o atraso dos Hespanhães e exiguas, mesquinhas e de nenhuma importancia aquellas cidades ) era natural que tivessem « romanisado » aquella região, porque os seus habitantes,

homens simples, sem uma civilização consistente e capaz de lutar com a romana, e por outra parte horrivelmente dizimados pelo ferro dos invasores, por força haviam de perder seus usos e costumes e consequentemente sua língua, o que logo começou a verificar-se, como expressamente nos informa Strabão, dizendo que os turdetanos, principalmente os que estacionavam junto ao rio Batis, haviam tomado em tudo os costumes romanos, e que os mais delles, « esquecidos de sua língua vernacula se haviam feito latinos ».

Quando os godos entraram na Hespanha nenhuma diferença havia entre os iberos e romanos; antes adoptados por aquelles, os costumes, a religião e a língua destes, foram todos considerados romanos nas leis promulgadas pelos novos invasores para reger a Hespanha visigothica.

Aldrete observa mais, que nas leis visigothicas só se faz menção de « godos e romanos » e nenhuma de « iberos ou hespanos », o que não aconteceria se estes ultimos conservassem alguma diferença dos romanos; notando-se mais que as leis falam dos hebreus, que observando sempre a sua religião e seu modo de viver particular, nunca se confundiram com os Romanos.

Os primeiros habitantes da Hespanha foram, segundo opinião geral, os iberos ou escaldeus de origem mysteriosa.

Os segundos não se podem bem determinar, ainda que alguns julguem que foram os Persas.

Após, como diz Strabão, vieram os Phenicios.

Depois os Celtas espalharam-se por todo o espaço aquem dos Pyrineos, constituindo não centros que podessem ter alguma força, porém tribus fraccionadas e numerosas, segundo os habitos da vida barbara.

Entre 700 e 900 antes de Jesus Christo, occuparam os Gregos grande parte das Hespanhas e mantiverem estreitas relações com a peninsula.

Dahi vem o alphabeto phenicio communicado pelos Gregos.

No anno 238 antes de Christo a familia Carthagineza dos Barcas buscou dominar na Hespanha e conseguiu uma certa dominação que teve como extintor a Cneu Scipião e seu filho Publio Scipião, o Africano, que estabeleceu definitivamente a influencia latina sobre a Iberia.

O systema de colonisação dos Romanos que consistia em fazer assimilar o povo conquistado aos seus proprios habitos, a introdução dos *Cives romanus* no povo conquistado, sabendo-se que a lingua é um poderoso vehiculo, ligeiro e efficaz para colonisação e civilisação após a conquista, tudo isto contribuiu de modo inevitavel para a latinisação da peninsula. E segundo diz Ad. Coelho : « Alexandre Herculano na sua Historia de Portugal, Rénan na Origine du langage, Littré no seu Diccionario da lingua franceza, Fauriel na Histoire de la poésie provençale, Diez na sua Grammatik, notam que os Romanos tinham como barbaros os idiomas que não fosse o latim e encaravam com repugnancia todos os idiomas barbaros, d'onde a palavra *barbarismos*, applicada aos erros grammaticaes.

Auto Gellio dá o latim, como a lingua patria de um hespanhol.

A Hespanha foi uma segunda patria da litteratura latina.

Lucano, Marcial, os dous Sénecas, Columello, Percio Latro, e talvez Lilio Italico, e Quintiliano, são todos hespanhóes.

Estes e outros factos mostram-nos quanto profundamente se arraigára a civilisação romana na peninsula, e em nenhuma outra parte depois da Italia os seus effeitos foram tam intensos.

A Historia da origem da lingua portugueza é como a de muitas outras : amalgama de diversos idiomas, rudes em sua infancia, polida e culta e mais en-

grandecida pelos escriptores, pela philosophia e pela necessidade.

Ou fosse porque a dominação romana por mais tempo se enraizasse no solo peninsular, ou pela doçura de sua facil pronunciação, é certo que a portuguez possue da lingua romana maior numero de termos.

No tempo de D. João I grande era o sabor a latim que ella tinha. Eis um exemplo tirado de João Pedro Ribeiro:

« Hæc est notitia de partiçon e de divison que  
« fazemos entre nós dos erdamentos que foram de  
« nosso padre. » Dissert. Chronol. e Crit. Doc. LXI  
no vol. 1.º.

E mais o seguinte epitaphio que vem em João Franco Barretto :

« Hic jacet Antonius Peres, Vassalus domini Regis,  
« Contra Castellanos misso, occidit omnes, que quis-  
« so, » etc. Orthographia da lingua portugueza, pag.  
28, edição de 1671.

E mais o seguinte excerpto dos « Discursos varios politicos de Severim de Farias ».

« O' quam gloriosas memorias publico, conside-  
« rando quanto vales nobilissima lingua lusitana, e on  
« tua facundia excessivamente nos provocas, excitas  
« e inflammas ; quam altas victorias procuras ; quam  
« celebres triumphos speras, quam excellentes fabri-  
« cas fundas, quam perversas furias castigas, quam fe-  
« roces insolencias rigorosamente domas, manifestado  
« de prosa, de metro tantas elegâcias latinas. »

O mesmo se vê da perfeita confusão entre o latim e o portuguez em João de Barros, Alvaro Ferreira de Vera, João Franco Barretto e outros.

Mas, apezar de tudo isto, diz o eminente escriptor Dr. Theophilo Braga, que o dominio romano não exerceu influencia alguma organica no territorio portuguez porque « Roma conquistava com as legiões, mas não povoava, limitando-se a explorar os povos



que se submettiam ao seu dominio com uma absorvente administração do seu governo militar. »

Não é possível, porém, acreditar que a organização industrial dos romanos deixasse de dar em resultado o estabelecimento de correntes de emigração.

As tradições religiosas populares e as origens historicas attestam que Roma, desde as suas primeiras conquistas, povoava sempre por meio da colonisação os paizes que ella dominava pelas armas. Ferrario attesta que havia na Hespanha cerca de 30 colonias romanas e diz que a palavra *colonia* indica sempre uma emigração *ex-urbe*. O mesmo se infere do que se lê em Gellio, Heinnécio e outros. Beja, por exemplo, foi colonia romana.

Roma, sacudindo da península iberica o dominio carthaginez, deu-lhe organização regular e consolidou o seu senhorio pela introdução da própria linguagem; as migrações recresceram a proporção que mais rareavam os indigenas na peleja.

As conquistas por mais sanguinolentas que sejam, permitem sempre o cruzamento, e accresce que Celtas, Celtiberos e Turdetanos identificavam-se com os conquistadores na sua nacionalidade, as raças juxtapozeram-se, gradualmente cohabitaram e fundiram-se, o que era tanto mais facil quanto havia certa unidade moral, de natureza por ventura mais solida que a unidade ethnica entre Celtas e os povos da Italia Central.

Finalmente, quando a historia nos não provasse com irrecusaveis documentos haverem os romanos exercido longa dominação na península, attestara-nos seu predomínio pacifico e de muitos seculos, o vemos o solo da mesma coberto de monumentos de construção romana, ossadas de sepulturas e lapides milhares, templos e theatros derrocados, pontes, aqueductos, thermas, estatuas, fustes e bases de columnas, cippos, inscripções, etc. Assim, pois, tendo a supremacia a lingua *latina* a que succederam a dos *arabes*

e a dos *godos*, formou-se a nossa lingua portugueza, e como diz o immortal Camões :

« E na lingua na qual quando imagina  
« Com pouca corrupção crê que é latina.

« Estr. 33, canto 1.<sup>o</sup> ».

Mas foi só no reinado de D. Diniz que a lingua portugueza aquirio os fôros de official, passando a substituir nos documentos publicos o corrompido latim da época, diz-nos Antonio Ennes ; antes disso, porém já havia sido usada pelos trovadores nacionaes em canções rudes mas graciosas, echos distantes da lyra provençal.

Não ha mais duvida que :

« Uma lingua tain dura como as armas, » na phitase de Felinto Elysio, é, diz Antonio Vieira : « rica e bem dotada, como filha primogenita da « latina. »

---

## IV

### *O Celticismo*

Apezar do grande numero de documentos portuguezes, de varios escriptores antigos, em que se sente muito o sabor na lingua latina, como podemos ver do epitaphio que vem em João Franco Barretto: *Hic jacet Antonius Peres, Vassalus domini Regis, Contra Castellanos misso, Occidit omnes que quisso etc*; apezar de todos conhecerem o grande poder das legiões romanas que conquistando a peninsula iberica, introduziram os seus costumes, ritos, e portanto a sua lingua, notando-se que os seus habitantes esquecidos da lingua vernacula haviam se feito latinos como no diz Strabão; ( Vide III ) sem embargo de tantas provas pelas quaes vemos que a lingua portugueza formou-se da corrupção que na lingua rustica latina produziu a successiva invasão dos suevos e arabes, ha quem opine que do celtico, idioma dos povos da *Spania*, é que provem não só o portuguez, como os varios dialectos em que se divide a lingua geral da Hespanha.

Esta idéa é sustentada pelo antigo patriarcha Frei Francisco de S. Luiz, Antonio Ribeiro dos Santos

João Pedro Ribeiro no 1.º tomo das « Dissertações Chronologicas, » e em França pelo abbade Girard na sua obra *Vrais principes de la langue française*, onde diz: Quando se observa a prodigiosa opposição que ha entre os genios das linguas franceza, italiana, hespanhola e o da latina, quando se attende a que a etymologia prova sómente a adopção das palavras e não a sua origem, e que estas são acompanhadas de artigos que não podiam tomar do latim, e diametralmente oppositas ás construcções transpositivas e ás inflexões dos casos, não se pode dizer que sejam filhas delle.

Tambem o Cardeal Saraiva pretendeu provar que a lingua portugueza não é filha da latina nem foi esta em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos.

Levantam-se, porém, além do Sr. Alexandre Herculano, o General Leoni, já fallecido, e o grande philologo portuguez Ad. Coêlho.

Antes, vejamos quem eram os celtas. Os celtas eram os antigos povos que habitavam a Gallia, o norte da Italia, a Gran-Bretanha, a Irlanda e sómente uma parte da Hespanha.

O celta é uma das linguas indo-germanicas e hoje os dialectos della são apenas o armoricano ou baixobretão, falado na Bretanha, o kynri, cambrico ou gaulez falado no paiz de Galles, o gaél'co falado na Escossia, e o irlandez na Irlanda.

Como pois concluir a grande influencia que esta lingua teve sobre a nossa?

«Quando um sabio, como Max-Müller, diz Adolpho Coêlho no seu livro «Questões da Lingua Portugueza», julga necessario desafrontar a memoria de um philologo do seculo 16.º Henri Etienne, mostrando ser falso que este desconhecesse a origem latina do portuguez, que considerações pode-se ter por homens que em nosso seculo se fazem defensores da celtomania?»

Todos os dialectos do Celta são linguas modernas em estrutura, construcção e fórmulas grammaticaes e

que differem tam profundamente dos idiomas das nações romanicas, que somos levados a acreditar que muito pouco terão de commum.

Como poderião influir os celtas para a formação de uma lingua qualquer na Hespanha quando elles nesse paiz não contribuíram para formação de centros populosos, e antes eram tribus ou grupos errantes quasi sem civilisação ?

E' verdade que, como diz Abel Hovelacque, nas linguas néo-latinas existe um fundo bastante importante de palavras estrangeiras. O francez, por exemplo, possui certo numero de palavras de origem celtica, como *arpent*, *lieue*, *dune*, *alouette*, mas esse numero está longe de ser tam consideravel como se pode suppór, e é bom acrescentar que todas essas palavras para tornar-se francezas tiveram de se latinisar antes, para depois passar para o francez.

Mas, como diz o citado autor da «Linguistica» admittida a hypothese de provirem estas palavras do celta, pode-se concluir que todas as portuguezas derivam-se dessa lingua? E mesmo quando assim o fosse a latinisação da palavra passando para portuguez não é uma prova inconcussa de que a origem essencial é latina ?

O Sr Alexandre Herculano diz que o que fez alguns espiritos sonharem com o *celticismo* foi julgarem que os hespanhoes repetiam vulgarmente os periodos eloquentes de Cicero ou o estylo facil e harmonioso de Tito Livio ou então que guardavam as regras severas da Grammatica Latina.

Tinham elles, pois, necessidade pelo desconhecimento dos livros, de empregar frequentemente as preposições para destinguir as desinencias dos casos, de empregar uma ordem natural e sem inversão na successão das palavras; alteravam, portanto, a indole da lingua culta e approximavam-se das formas mais simples que tomaram os idiomas modernos do meio-dia da Europa.

As transformações de uma lingua qualquer são factos muito naturaes, assignalados em todos os tempos e Duarte Nunes de Leão já dizia :

«Que assim como em todas as cousas humanas ha continua mudança e alteração, assim é tambem nas linguagens.»

Não é admiravel, como dizem os «celticistas,» que haja difficuldade de qualquer povo poder abandonar a lingua vernacula para usar a de seus dominadores. Não desde que attendermos que o estado de rudesa dos primitivos habitantes da Peninsula era tal no começo das invasões Romanas, que qualquer esforço de civilisação abria brecha naquella massa bruta e informe fazendo-a aceitar leis, costumes e lingua.

Dizem mais os «celticistas» que assim como os Tartaros invadindo a China e ali predominando, os Turcos imperando em muitas provincias asiaticas e na Grecia, o jugo Castelhana em Portugal, a Austria dominando porção da Italia, a Gran-Bretanha determinando que nos actos publicos e documentos officiaes se usasse do inglez na Irlanda, Escossia, e paiz de Gales, não poderam fazer com que a lingua chinesa fosse substituida totalmente pelo dialecto tartaro ; nem que a Grecia deixasse o seu idioma, ou que as provincias asiaticas esquecessem os seus antiquissimos dialectos locaes ; nem que, apezar do jugo de 60 annos, pudesse a lingua castelhana subjugar a portugueza ; e que finalmente, pudesse a Gran-Bretanha fazer esquecer os antigos dialectos celtas ; nem que o romano, toscano, milanês e veneziano fossem vencidos pela prepotencia austriaca da mesma maneira, os Romanos não podiam fazer com que os iberos e os povos que habitavam a peninsula ficassem *romanisados*.

Porém, perguntamos, si os Romanos não conseguiram esse ideal, por acaço, os Celtas que habitavam pequena parte da Hespanha, teriam o poder de transformar uma lingua, ainda mais quando eram elles povos errantes ?

E não é ponto incontestavel que o imperio romano transformou as leis, costumes, instituições politicas e civis nos paizes conquistadas? Além disto, a religião mais forte que o imperio veio fazer esta conquista facilissima.

Era em latim que se celebravam as solemnidades do culto, era em latim que os generaes falavam ás legiões, era em latim que se litigavam as causas forenses no tribunal.

Para falar com elles, para lhes requerer justiça, para obter remissão do imposto, para orar no templo, para tudo que fossem actos publicos, se tornava sempre o latim a lingua necessaria.

O que prova mais ser a lingua portugueza filha da latina é o vermos todas as preposições e conjunções, palavras elementares, provirem immediatamente do latim.

As particulas são uma especie de palavras, cujo sentido não se alcança senão com o uso e frequencia de falar a lingua.

A perda das desinencias distinctivas dos casos de que se quer tirar argumento para provar que a lingua portugueza não é filha da latina é quasi imperceptivel, de nenhum effeito, de nenhuma importancia, porquanto a excepção do genitivo e dativo para cuja reparação a mesma lingua prestou seus proprios subsidios, os casos que em latim são regidos de preposições, como o accusativo e o ablativo, nada soffreram com a referida perda, continuando a ser indicados com as preposições como d'antes o eram e até muitas vezes podem deixar de aster o que acontece especialmente com o ablativo :

PASSADOS ESTES DIAS *que Vasco da Gama aqui estere*

*Fernão Lopes. Hist. da India.*

*E mandou que* DESCOBERTO O LADRÃO *fosse queimado*

*Vieira. Sermões.*

Terminamos com Leoni.

A nessa primitiva organização social é toda romana; o character distinctivo e essencial das antigas municipalidades, a magistratura duumviral não se perderam os bailes nas igrejas tam lastimados por Manoel Bernades (Nov. Fior. T. 2.<sup>o</sup> pags. 12 e seg.) os asylos, reverencia á mesa, o fechar dos olhos e a bocca do defunto, o lavar o cadaver, o uso das pranteadeiras, são vieram das instituições romanas

As festas do Carnaval são as saturnaes de Roma; muitas superstições, como os dias aziagos, os espectros nocturnos, os lemures, os philacterios, (Manoel Bernades, idem, fl3. pags 389) as figas penduradas pelas mãos ao pescoço das creanças para livra-las de quebranto, tudo nos veio dos Romanos.»

Assim, pois, é filha do latim a lingua portugueza, a que no dizer de Francisco Roiz Lobo tem de todas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a brandura da franceza, a elegancia da italiana e finalmente tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares. Bem diz o auctor do Hyssope:

«Como si a bella, fertil lingua nossa.

«Primogenita filha da latina

«Precisasse de extranhos atavios.»



## V

### *Ligeira noticia da formação do lexico portuguez*

*Lexico* ou vulgarmente dictionário, é o conjunto de todos os vocabulos de que se compõe uma lingua.

A lingua portugueza originou-se, como está hoje claramente provado, da lingua latina e são quasi todos os seus termos latinos.

Salvo pequenas excepções, relativamente ás formas e talvez aos typos syntaticos, são de filiação latina os demais vocabulos, devendo-se sómente notar que entraram tambem para o dominio de nossa lingua depois della constituida, no século 13<sup>o</sup>, palavras francezas, italianas, allemães, gregas, inglezas etc, sendo que antes de sua constituição adquerimos muitos termos do arabe e do germanico, por causa da dominação destes povos na península hispanica.

Suscintamente daremos algumas palavras cuja origem pertence a estas linguas.

Assim temos palavras originadas de linguas faladas na península antes do latim e que se pôdem con-

siderar hispanicas: *briza* (*brisa*) *cervesia* (*cerveja*) *gordus* (*gordo*) *canthus* (*canto*) *cuniculus* (*coelho*) etc que se acham em portuguez.

De elementos phenicios parece só nos ter ficado a palavra *barca*.

Dos elementos gregos podemos affirmar que em geral nos vieram por intermedio do latim, ou que vieram posteriormente durante o dominio romano: *anco* (*canto*) *bolsa* (*pelle preparada*) *ermo*, *sumo*, *tio*, *taleiga*, (*saco*), *calma*, *chato*, *cara*, *caravella* (*especie de navio*).

Algumas palavras da mesma especie nos vieram passando por outras linguas romanicas: *colla*, *golpho*, *pagem*.

Outras por intermedio do arabe: *alcaparra*, *quilate*.

Das linguas celticas cuja analyse é muito obscura temos: *Alpes*, *dolmen*, *druida*, *bardo*, *fenian*, *bojo*, *bico*, etc.

Depois do dominio romano temos os mais importantes elementos que concorrem para a formação do nosso lexico.

Dentre elles destacam-se como principaes: os elementos germanicos e arabes.

A. Coelho dá-nos uma lista dos primeiros em numero de 288, exceptuadas as palavras da introdução moderna.

Entre ellas citaremos; *albergue*, *bahú*, *brasa*, *canivete*, *doudo*, *droga*, *escravo*, *estribo*, *fita*, *sorro*, *ganso*, *garfo*, *gaz*, *jardim*, *loja*, *malandro*, *marechal*, *nuca*, *piloto*, *rato*, *rima*, *sala*, *vaga* e muitos outros, termos nauticos e de posições geographicas, como: *bote*, *bordo*, *canôa*, *sul*, *leste*, *oeste*, *norte*, etc.

De introdução moderna temos: *bismuth*, *caparoza*, *quartz*, *valsa* e *zinco*.

A lingua arabica muito enriqueceu o nosso lexico, mórmente em termos referentes á vida phisica, aos

usos domésticos, instituições civis, politicas e militares, á tecnologia de construcção, etc.

Temos a notar, porém, que são raros o adjectivos arabes, que nenhum verbo é derivado desta lingua, e que o artigo arabe *al* acha-se prefixado a grande numero de palavras. Contamos uma lista de mais de 300, entre as quaes *acepipe, alambique, alcatifa, almocece, alviçaras, armazem, ataúde, azeviche, borzequin, fatia, fulano, jarra, oralá, tarrafa, xadrez, zagal*, etc.

Temos em 3.º lugar palavras derivadas de origens diversas, dentre as quaes destacamos as de origem hespanhola.

Poucos são estes termos, isso devido ao facto de terem o portuguez e o hespanhol um vocabulario muito commum entre si.

Podemos contar, porém: *boléro, espadilha, eldourado, fandango, mantilha, seguidilha, zarzuela*, etc.

Dos elementos francezes que formam uma parte importantissima do nosso lexico vieram nos por seu intermedio palavras célticas e germanicas.

O elemento francez actualmente é o maior factor da grammatica e do vocabulario. Podemos dizer em geral que é por intermedio do francez que possuímos muitos neologismos inglezes, gregos e até italianos.

Assim encontra-se em o nosso lexico grande copia de termos francezes, como: *chapéo, chaminé, chefe, espirito, (graça, chiste) etiqueta, fichú, sangue frio* etc.

Os termos mais recentes conservam a orthographia da lingua: «*crayon, bouquet, boudoir, mise en scene, soirée*, etc.

Dos elementos italianos possuímos os que se referem á arte, á litteratura: *adagio, bagatella, bandido, bussola, cavatina, cupula, dilettante, fãiança, girandola, soprano, tenor, violão*, etc.

Do inglez temos termos relativos ao commercio, caminhos de ferro, marinha, cosinha etc. Assim : *bifteck, cheque, club, crup, clown, dandy, jockey, jury, pamphleto, revolver, tunnel, etc.*

Das linguas americanas muitos são os termos de historia natural : *ananas* (tupy) *caipira*, (tupy-guarany) *carioea* (idem) *cotia* (tupy) *pirão* (tupy) *tapioea* (tupy)

Das linguas africanas encontramos : *banza, batuque, cacimba, cangica, macaco, mandinga, marimba, muleque, senza!a.* »

Das linguas asiaticas : do persa : *bambú, caravana, chacal, divan, pagode*; do malaio : *beliche, orangotango* (homem dos bosques), *sagú*; do tureo : *kiosque, otalisca*; do sanscrito : *carmesim*; do hebrico : *alleluia, amen, hossana, paschoa, rabbino, sabbado, seraphim.* etc.

Além destas palavras tem o portuguez muitos termos formados pela composição e derivação, como : *arminho*, (da Armenia) *bayoneta* (de Bayonna, cid. de França) *bohemio* (da Bohemia), etc. sem falarmos nos formados modernamente por meio de prefixos, suffixos, etc.

Possue tambem muitos outros termos de ficção litteraria como : « *Quixote, tartufo, polichinello*; de mythologia e creanças : *argos, panico* (de Pan,) *homérico, vulcanico, marcial* (de Marte,) etc.

Um facto muito notavel que se encontra na constituição do nosso lexico é o desaparecimento da palavra ou do objecto que deu lugar á formação d'ella, permanecendo entretanto viva a mesma palavra.

Assim temos : *colome*, embora não seja um rôlo como antigamente; *papel*, embora não seja composto mais de *papyrus*; *gazeta* mesmo que não custe uma *gazza* (vintem de Veneza) : *candidato* embora não se vista mais de *branco*; *lunatico*, embora não attribuamos mais a loucura á influencia da *lua*; *planeta*, que não significa mais uma estrella que vista da terra

parecia errante, mas sim um corpo que gyra em redor do sol central.

Assim, depois de termos modificado o conceito da *lua* que é um planeta secundario, um satellite e quando o telescópio nos fez descobrir outros planetas, apressamo nos em mudar esse nome proprio para um nome generico e chamamos *luas* a todos os satellites.

Deu-se o nome de *Mercurio*, rapido mensageiro dos Deuses, ao planeta cujos movimentos eram os mais mutaveis e accelerados, e os alchimistas deram esse mesmo nome ao mais movel dos metaes.

Assim, collocamos o mercurio num tubo e ordenamos, como Jupiter ao deus Mercurio, que elle suba ou desça para nos dar nóvas do tempo.

A verdadeira significação de *importante* é o que tem dentro de si alguma cousa, *trivial* é o que se acha atravessando as ruas; uma *ocurrencia* é uma cousa que corre adiante de nós; *desastre*, uma desgraça devida a um astro, máu agouro.

A moeda com que no seculo 13.<sup>o</sup> só pagavam aos jograes que vulgarisavam as canções de gesta era uma especie de ceitil chamado *poitivi ne* (patavina.)

Como este facto encontramos milhões.

De tudo quanto acabamos de dizer conclue-se que a maior parte do nosso lexico é composto de grande parte dos elementos a que acabamos de nos referir, accrescendo a estes, os termos propriamente brazileiros, sobrepujando a todos o latim.

Bem diz o illustre philologo Ad. Coelho: Si do vocabulatio portuguez tirarmos todos os vocabulos, que não proveem de palavras, themas ou raizes que se encontram no latim, o que fica comparado com o lexico latino, offerece ainda profundas differenças, apezar das suas origens estarem todas no ultimo.

E a mesma idéa já externada por José Vicente Gomes de Moura na «Noticia succinta dos Monumentos da Lingua Latina, pag 9: «-- as linguas Italiana,

Franceza, Hespanhola e Portugueza são irmães, e fazem uma familia, que descende da Latina em tam grande parte, que si lhes tirarmos o fundo que desta receberam, restará mui pouco. »

---

## VII

### *Lexico portuguez. O latim*

O lexico ou dictionario portuguez é um amalgama de termos de origens diversas adquiridos quer antes do dominio dos povos romanos, quer no seu dominio, quer depois que o povo da península foi constituido formando uma nação independente.

Assim em o nosso lexico encontramos elementos provenientes das linguas faladas na península anteriormente ao latim : hispanicas, phenicias, gregas, celticas, euscaras; elementos das linguas dos conquistadores depois da dominação romana : elementos germanicos, arabes; e elementos de origens diversas : hespanhóes, ciganos, francezes, inglezes, italianos; das linguas americanas, das africanas e das asiaticas.

Mas apezar da maioria das palavras serem de origem latina, grande é a differença (separados os termos de outra origem) entre o lexico desta lingua e o da portugueza. Em primeiro lugar muitas palavras provenientes do latim popular não foram empregadas na litteratura.

Assim encontramos muitas vezes uma palavra de radical latino, o que faz portanto dizermos que a sua

origem é desta lingua, entretanto o emprego do suffixo é desconhecido do latim: o suffixo portuguez *eiro* para formar nomes de arvores: *pinheiro*, *mangueira*, etc.

Em segundo lugar, palavras usadas pelos escriptores do periodo ante-classico, não usados na bõa latinidade, e que entretanto apparecem no portuguez: *absconsus* (esconso) *adjectare* (deitar) *jejunare* (jejuar) *vacivus* (vazio).

Em terceiro lugar muitas outras palavras latinas foram substituidas por synonymos na propria lingua:

<i>oedes</i> e <i>domus</i>	<i>casa</i>
<i>bilis</i>	<i>fêl</i>
<i>janua</i>	<i>porta</i>
<i>osculum</i>	<i>basium</i>
<i>fur</i>	<i>latronem</i>
<i>uxor</i>	<i>sponsa</i>

Em quarto lugar houve a differenciação de uma palavra em duas ou mais fórmas, differenciação a que os grammaticos dão o nome de fórmas divergentes e alguns imprópriamente de duplas.

Ha que distinguir diversos casos:

1.<sup>o</sup> fórma popular ao lado da fórma erudita.

Popular	Erudita	Latina
dobro	duplo	<i>duplum</i>
papel	papyro	<i>papyrus</i>
rezar	recitar	<i>recitare</i>
pregar	predicar	<i>predicare</i>
leal	legai	<i>legalis</i>
pégo	pelago	<i>pelagus</i>

2.<sup>o</sup> duas ou mais fórmas populares com significação diversa.



Popular	Latina
artigo e artelho	<i>articulus</i>
freire e frade	<i>fratre</i>
ilha e insua	<i>insula</i>
malha, mancha e magua	<i>macula</i>
todo e tudo	<i>totus</i>

Neste caso as formas proveem de uma anterior que não se conserva em portuguez como forma popular; ha, porém, casos em que uma das formas populares provem de outra ainda existente :

Popular	Latina
caudal de cabedal	<i>capitalis</i>
dom de dono	<i>dominus</i>
safo de salvo	<i>salvus</i>
grão de grande	<i>grandis</i>
são de santo	<i>sanctus</i>

3.º formas latinas alteradas em outras linguas romanicas ao lado de formas propriamente portuguezas :

chefe	fr.	<i>chefe</i>	ao lado de	cabo	lat.	<i>caput</i>
hotel	«	<i>hôtel</i>	«	hospital	«	<i>hospital</i>
lhano	hesp.	<i>llano</i>	«	chão	«	<i>planus</i>
opera	ital,	<i>opera</i>	«	obra	«	<i>opera</i>
plano	«	<i>piano</i>	«	chão	«	<i>planus</i>

Em quinto lugar temos a substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou das palavras desaparecidas :

<i>spes</i>	<i>sper-antia</i>	esperança
<i>genu</i>	<i>genu-culum</i>	joelho
<i>pollex</i>	<i>pollicare</i>	pollegar
<i>civis</i>	<i>civitanus</i>	cidadão
<i>fornax</i>	<i>fornalia</i>	fornalha

Muitos termos que serviam para designar plantas receberam o suffixo *ario*, *aria* ficando o thema original para designar partes ou productos destas plantas.

<i>castanea</i>	castanha	<i>castanearia</i>	castanheira
<i>morus</i>	amora	<i>moraria</i>	amoreira
<i>rosa</i>	rosa	<i>rosaria</i>	roseira

Este modo de formação não é propriamente latino e sim romanico.

Em latim ou não havia distincção entre o nome da planta e o de seu producto : *citrus*, limão e limoeiro, *laurus*, louro e loureiro ; ou então a distincção era feita por meio do genero : geralmente o nome da planta é do genero fememino em *us* e o do producto em *um*, genero neutro : *cerasus* (cereja) *cerasum* (cerejeira) ; *morus* (amora) *morum* (amoreira).

Tambem se fazia a distincção por meio de um suffixo secundario (caso muito raro) *caepa* e *caepula* ; ou então por meio de palavras derivadas de raizes diversas : *ulmus* e *samera* ; *corylus* e *avellana*.

Mesmo em portuguez algumas plantas não se distinguem dos seus productos : *cebola*, *jacintho*, *trigo* etc.

Porém o uso mais commum é formar se a distincção como o suffixo *ario*, a excepção de *oliva* que derivado de *oliveira* foi substituida por *azeitona* do arabe *azzeit* ; *lans* cuja forma verdadeira é *lande*, substituida commumente por *bolota*, tambem de origem arabica.

Em sexto logar temos a considerar que muitas palavras foram substituidas por derivados novos de outros themas ou raizes, isto é, as cousas que significavam tiveram nova denominação sobre outro aspecto :

*Cervus* por veado, de *venatus*, a caça.

*Vulpes*, raposa, de *rapus*, o rabo, por ter este animal o rabo comprido.

*Porculus* (*porcus-lacteus*) por leitão, o animal que ainda se alimenta de leite.

*Acetum* por vinagre (*vinum acre*).

Em setimo lugar muitas palavras latinas desapareceram para evitar homonymia ; *cabo* do latim *caput* e *cabo* do latim *capulum* ; *selada* (salada) de sal, *celada* por *cilada* e *celada* do latim *caelata* ; *cento* antigo participio de cingir, do latim *cinctus* e *cento* do latim *centum* ; *preia* do latim *plena* (preia-mar) *preia* do latim *præda* ; *incerto* de *incertus* e *inserto* de *insertus* ; *teia* de *tela* e *tela* de *tæda*.

Neste caso, um dos homonymos costuma desaparecer deante do outro, causando por isso a exclusão ou desaparecimento de muitas palavras latinas : *æquus*, deante de *equus* que devia dar *eguo* deu somente o femenino *egua* ; *bellum*, guerra, deante de *bellus*, bello ; *jacere*, lançar, deante de *jacere*, jazer ; *queri*, queixar-se, deante de *querere*, querer.

Finalmente em oitavo e ultimo lugar devemos ter em vista que muitas palavras mudaram de significação.

*Admorsus*, mordedura, é em portuguez e *almoço* (hesp. *almuerso*) com o sentido do latim *jentaculum*. *Affligere* perdeu o sentido de bater contra, quebrar, para conservar o sentido figurado de atormentar.

*Apotheca* que em latim designava um lugar onde se guardavam provisões, uma adêga, adquerio o sentido de casa pequena, *botica* e *bodega*.

*Ingenium* que significava natureza, modo de ser caracteristico de uma cousa, perdeu quasi o sentido de *genium*, na accepção de intelligencia e astueia e adquerio o sentido de machina, machinismo.

*Rapum*, rabo, em latim cenoura, significa *cauda*, em portuguez, talvez pela analogia d'uma cauda de animal com uma cenoura.

*Talentum* em latim barra, peso de 120 libras e em grego *balança* e *peso*, tomou os sentidos de *inclinação*, *tendencia*, *vocação*, *vontade*.

A seu *talante* significava no antigo portuguez a sua *vontade*.

Hoje tem a significação de engenho, genio, talvez, segundo Diez, por influencia da Parabola dos Talentos.

Na linguagem popular no Brazil tem a significação de força muscular.

Reminiscencias do latim ?

E' digno tambem de colleccionar-se a formação de certas palavras sobre cuja origem nada dizem os dictionarios, e os livros que se dedicam ao estudo da linguistica não descem a estas minudencias.

*Aravia* em sentido próprio, significa a linguagem arabica ou arabe falada pelos naturaes da Arabia; este sentido obliterou-se para depois designar o arabe corrompido pelos christãos que viviam em contacto com os Arabes e tambem a linguagem vulgar ou vernacula em contraposição a *ladinha*.

No seculo 15.<sup>o</sup> e 16.<sup>o</sup> começou-se a empregar no sentido do gyria propria para embustes e trapações.

Virá d'ahi a palavra popular: *Algaravia* ?

E' tambem interessante o que diz Th. Braga a respeito de *Charlataneria*, *charlatão*.

Na Italia o vulto de Carlos Magno cahio no ridiculo.

Na poesia hespanhola do 12.<sup>o</sup> seculo usava-se a palavra *Charlataneria*. Esta voz é derivada da palavra franceza *Charles*.

Como os troveiros francezes não cantavam naquele tempo além da suas canções lascivas, outras a não serem as de Carlos Magno, os italianos lhes chamaram *Charles* e a palavra *Charlatani* e entre nós *Charlatães* foi successivamente empregada aos que se entregavam a cousas semelhantes.

## VII

*I—Dialectos. II Dialecto brasileiro. III Dialectos portuguezes. IV Edades da lingua portugueza*

### I

Dá-se o nome de dialecto à lingua peculiar a uma provincia, cidade ou estado, alterada na pronuncia, accentuação, desinencias, lexico e syntaxe, relativamente ao idioma donde provém.

Assim as differentes formas de linguagem consideradas isoladamente tem o nome de lingua; si porém forem consideradas relativamente à lingua donde se derivaram tem o nome de dialectos.

O francez, o portuguez, o italiano, etc., são dialectos da lingua commum latina.

Considera-las de per si são verdadeiras linguas.

Segundo Whitney, na sua *Vida da Linguagem*, cada individuo recebe a lingua e modifica-a embora de modo infinitesimal.

Neste sentido, rigorosamente falando, qualquor

sociedade, familia, qualquer classe social, todos e cada um possui um dialecto.

Porém não é nesta accepção que se emprega este nome.

Para haver dialecto, é preciso que haja uma certa unidade na lingua, unidade que não é destruida por differenças individuais, as quaes por sua vez não impedem a possibilidade da communicação do pensamento. Quando este ultimo facto se der, apparece então uma lingua estranha.

A formação dos dialectos é um phenomeno que obedece as leis da mesologia glottica. A differença dialectal mostra um poder, uma vitalidade no organismo da lingua, não é um phenomeno involuntario.

Influem na evolução de um dialecto, a cultura litteraria e as relações sociaes; é por isso que o francez, dialecto do latim, acha-se mais affastado deste do que as outras linguas neo-latinas: o italiano, o portuguez, etc.

Do que acabamos de dizer, infere se que, apezar das grandes modificações porque passou a lingua portugueza no Brazil, ainda não podemos chamar á lingua falada n'este paiz um dialecto da lingua de Portugal.

## II

Diz José de Alencar, partidario do *dialecto brasileiro*: « Quando povos de uma raça habitam a mesma região, a independencia politica por si só forma a sua individualidade. Mas se os povos vivem em continentes distinctos, sob climas differentes, não se rompem unicamente os vinculos politicos, opera-se tambem a separação de idéas nos sentimentos, nos costumes e portanto na lingua, que é a expressão destes factos moraes e sociaes. »

É o que diz tambem N. Webster na *Introdução*

sobre a origem das linguas: « Logo depois que duas raças de homens de estirpe commum separam-se e se collocam em regiões distantes, a linguagem de cada um começa a divergir por varios modos. »

E' preciso, porém, attender que as linguas são organismos que se desenvolvem e transformam, são rios cujas correntes muitas vezes se bifurcam.

Assim como a lingua de Portugal não é a mesma de 1500, a nessa tambem tem-se transformado adquirendo termos novos das linguas dos paizes com que entretemos relações commerciaes e litterarias.

O luso brasileiro, não constitue ainda, diz Silvio Roméro, um dialecto accentuado do portuguez europeu, embora contenha elementos que o hão de tornar cada vez mais distincto deste. O *criterium* para melhor resolver a enfadonha questão do dialecto brasileiro é a possibilidade ou não da communicação do pensamento.

A noção do dialecto póde na verdade ser applicada a qualquer systema de differenciações parciaes e geographicas da lingua, como diz João Ribeiro.

Mas o chamado dialecto brasileiro ainda não tem fóros de lingua litteraria e culta, nem ella póde por enquanto rebelar-se contra a lingua pura e vernacula.

A lingua falada no Brazil distingue-se da de Portugal por differenças na prosodia, na syntaxe, na significação das palavras, e por um vocabulario enorme de palavras africanas e tupys-guaranys.

O Brazil que pelo seu desenvolvimento material e intellectual e talvez pelo favor da sorte, poude libertar-se de quem o amesquinhava, ha de futuramente ter uma lingua differente da portugueza.

Os elementos negro e indigena que actuaram extraordinariamente no Brazil, e por outra parte os termos dos dialectos gallego, indo-portuguez que vão pouco a pouco desaparecendo da futura lingua brasileira, hão de separar inteiramente as duas linguas.

Uma lingua não póde ficar estacionaria, e desde

o momento em que o Brazil deixou de ser uma feitoria de Portugal, hade augmentar e florescer, fazendo crescer cada vez mais pelo seu progresso e relações commerciaes o seu vocabulario.

A. differença entre o emprego, significação, e pronuncia dos vocabulos é bastante profunda entre a lingua falada actualmente no Brazil e em Portugal.

E é este um phenomeno que de ha muito temos apreciado.

Assim bem vemos a mesma palavra tendo significados inteiramente differentes nas duas linguas: *Canastra* que em Portugal é *cesta de vime*, no Brazil tem a significação de *caixa não abahulada*; *filhóte* em Portugal significa *filho*, no Brazil é um *pombo* nascido e não empennado e só figuradamente tem aquellesentido; *trem* possui em Portugal a significação de *carruagem*, no Brazil é *bagagem* ou conjuncto de carros; *rico* em Portugal é synonymo de *querido*; *chacara*, significa *romance popular*; *carro* em Portugal só se refere ao *carro de bois*, no Brazil é qualquer *vehiculo* puxado por animaes.

Accresce demais que ha em Portugal termos inteiramente desconhecidos no Brazil, e outros que apesar de conhecidos não são empregados: *confeituria* (confeitaria) derivado de *confeitos*; *cambra* (camara), *couda* (cesta); *lumes propios* (phosphoros); *fontinha* (fonte pequena); *canapé* (canapé); *caneco* (barril); *abandonado* (homem devasso); *domestico* (criado); *tratamento* (salario).

Se attendermos á syntaxe verificamos bastante divergencia entre as duas linguas.

O emprego do pronome *me* e *te* em lugar do possessivo *meu* e *teu*, originando muitas vezes perfeita confusão. Dizem os Porguezes:

« *Entrego-te o livro*, em que se não sabe si é o meu ou o teu.

Usam mesmo muito pouco desses possessivos; dizem por exemplo: a *mamã*, o *papá*.



Gostam de empregar as variações *sigo* e *si* referindo-se às pessoas com que falam dando lugar a perfeita ambiguidade de sentido. Infelizmente este uso já se vai generalizando no Brazil.

Teem os Portuguezes tambem uma *sympathia* enorme pelo emprego da preposição *a*, e dizem *a' noite*, *á tarde* e *PELA* manhã.

Quando o Brasileiro diz: *estou estudando*, o Portuguez exprime-se: *estou a estudar*.

Geralmente a preposição *com* em Portugal exprime companhia; entretanto para nós exprime tambem posse: *Estou com o livro*.

Sobre a pronuncia dos vocabulos, então a differença é enorme.

Dizem os Portuguezes, segundo Soares Barboza: *véstoria*, *métade*, ou então *v'storia*, *m'tade*; outras vezes substituem esta vogal pelo *a*: *vájo*, *juálho* e, pelo que diz um escriptor, para escaparem do *e* fechado conjugam o verbo *fechar* do seguinte modo: *Eu fácho*, *tu féchas*, *elle fécha*, *nós fichamos*, *vós fichaes*, *elles fécham*.

No Brazil o *e* final de uma palavra tem em geral o som de *i*, no entanto os Portuguezes não pronunciam esta terminação, ou collocam-na no fim das terminações em *ar*, *er*, *ir*, *or*: *andare*, *vivere*, *subire*.

O povo baixo portuguez substitue por *i*: *audari*.

Quando a palavra termina por *r* o nosso povo não pronuncia a desinencia, o de Portugal accrescenta um *i*: *doutô*, *doitori*.

As palavras que terminam em *al* e *ale*, *el* e *ele*, etc, pronunciam os portuguezos *pél*, *mól*, e nós *pélli*, *mólli*.

Se elles dizem *jurnale*, nós *jörnäl*.

Bem se vê o profundo sulco differencial que largo se abre entre a lingua dos Portuguezes e Brasileiros.

Mais alguns annos e o Oceano não separará somente as duas regiões, teremos uma lingua propria,

como já possuímos uma vida social, e economica e uma riquissima litteratura.

### III

São tres o dialectos mais notaveis em portuguez : o gallego, o indio-portuguez e o africo.

A lingua falada no Brazil é constituída pela lingua portugueza na sua maior parte e por grande numero de vocabulos tupys-guarany e africanos.

A influencia do elemento negro não é tam pequena como alguns julgam.

Innumeros são os termos que no Brazil foram introduzidos, principalmente da lingua de Angola e Congo denominada *ambundo*. Possuímos uma lista pe 5.000 nomes que seria ocioso enumerar ; entre elles, porém, muitos não são empregados geralmente.

Possuímos muitas phrases constantemente usadas em que o principal elemento africano é parte componente, sem que delle se tenha perfeito conhecimento,

Parece-nos estar neste caso a palavra *lamba*.

Eta palavra é um substantivo que entre os Cafres significa *fome* ou *ter fome*.

Virá dahi a nossa phrase popularissima :

*Passei uma LAMBA ?*

Sobre o elemento tupy guarany não achamos necessidade de tratar da questão anthropologica e ethnologica.

Humbolt, o professor Hartt, Wappeaus na sua *Geographia phisica do Brazil* e outros sabios detalhadamente trataram desta questão, onde tiveram de introduzir para base de suas opiniões as questões a respeito do homem prehistorico, da emigração do velho continente, apparecendo assim á tona da discussão o nome de Quatrefages, Darwin, Lund, etc, etc.

E', pois, desvariarmos do nosso alvo.

A lingua dos indios tem adquerido as denominações de tupy-guarany, abaneenga, incluídos ali o nhen-gatú ( Amazonas ) e o kiriri.

Quem melhor estudou a lingua indigena, e seu desenvolvimento foi Couto Magalhães e Baptista Caetano no Brazil.

E' consideravel o numero de palavras tupys-guarany que compõem o nosso lexico, influenciando o 1.º ao norte e o 2.º ao sul. E' bom notar-se que as diferenças entre as duas linguas são pequenissimas e superficiaes, e que aquella influencia verificou-se em certas crenças, costumes e na adoptação de algumas palavras.

Um outro elemento que trouxe algumas palavras foi o cigano expulso de Portugal.

Foi uma raça que muito pouco influenciou nos primitivos europeus do Brazil, e sobre o qual quasi nada em nosso paiz se tem estudado e escripto.

Que nos conste só ha publicado o *Cancioneiro dos Ciganos* de Mello Moraes Filho.

Digamos agora mais alguma cousa sobre os dialectos da lingua portugueza.

Por certo que a lingua portugueza tem soffrido dialectações fóra de seu paiz, porém, como já dissemos, os dialectos mais notaveis são: o africano, o gallego e o indo-portuguez, principalmente os dous ultimos.

O gallego representa uma phase evolutiva do antigo portuguez, apezar da Galliza ser provincia hespanhola.

Os primitivos monumentos da poesia portugueza são escriptos na lingua galleziana.

Era esta lingua falada ao Norte de Portugal, desde o Minho até Coimbra.

Já que falamos na Galliza, apparece-nos a occasião de transcrever uma supposta origem da palavra: *Tau-*

*gro-mangro*, que se emprega n'uns versos populares.

O Dr. Augusto T. de Freitas diz ser: *Tango, mar, angro* (toque, amargor e aperto).

Entretanto diz um escriptor cujo nome não nos vem à memoria:

Ha em Hespanhol um jogo: *tango mano* que o povo da Galliza diz *tangano*.

Com este vocabulo formou-se a locução *entrar o tangano n'el* definida por Cuveiro Pinol *entrar na ruina ó la muerte*.

Por não ser materia essencial ás nossas notas deixamos de citar o profundo estudo que Theophilo Braga no *Povo Portuguez* faz sobre esta expressão,

O gallego e o portuguez até o seculo 12.<sup>o</sup> achavam-se perfeitamente unidos, e só á cultura que o segundo foi adquirindo pouco a pouco deve se o facto de não estarem estas duas linguas ainda confundidas.

O gallego ficou estacionario, e o portuguez tornou-se uma lingua culta e altamente litteraria.

O indo-portuguez e o africano datam do seculo 15.<sup>o</sup> e são falados em Ceylão, Diu, S. Thomé, Cochim, Cabo Verde, etc,

O 1.<sup>o</sup> está hoje em decadencia e brevemente tende a desaparecer ante a supremacia do inglez.

#### IV

Os primeiros textos da lingua portugueza são: A Noticia a torto e a Noticia de partiçon, publicada por Pedro Ribeiro no seculo 12.<sup>o</sup> e os Foraes do Castello Rodrigo no seculo 13.<sup>o</sup>

Em verso existem o Cancioneiro de Affonso X, o Cancioneiro de D. Diniz, o Cancioneiro da Vaticana, as Trovas e Cantares do seculo 14.<sup>o</sup> Aparecem poetas como Fernão Velho, Pera da Ponte, Pero Barroso,

Affonso Lopes, Mem Rodrigues e outros anonymos.

Deste seculo 13.<sup>o</sup> para a primeira metade do 14.<sup>o</sup> pode-se fixar o pleno desenvolvimento da lingua portugueza.

Na segunda metade do seculo 14.<sup>o</sup> appareceram os Livros de Linhagens do Collegio das Nobres, e a Historia do Testamento.

Varnhagem dá-nos dos seculos 12.<sup>o</sup> a 14.<sup>o</sup> uma lista de 133 trovadores do Cancioneiro da Vaticana.

No seculo 15.<sup>o</sup>: A Chronica do Condestavel Nuno Alvares Pereira, o Leal Conselheiro, a Chronica do Conde D. Pedro e poetas como Gil Vicente, Bernardin Ribeiro, etc.

Começou então no seculo 16.<sup>o</sup> a cultura grammatical com os Grammaticos Fernão Lopes (1536) e João de Barros (1540).

Appareceram neste e no seculo seguinte escriptores como Sá de Menezes, Fr. Luiz de Souza, Jorge Monte Mór, e Manoel Bernardes e o maior de todos, o sublime cantor dos Lusíadas.

Reparte-se nesta epocha a litteratura Portugueza com a do paiz que esta nação descobrira, litteratura que tanto tem-se engrandecido e aformoseado.

No seculo 18.<sup>o</sup> appareceram Garção, Felinto Elysió, Nicoláo Tolentino, Frei Francisco de S. Luiz.

Resumidamente podemos, pois, dividir as idades da lingua portugueza em quatro.

A idade ante classica, que começa antes da fundação da Monarchia portugueza até o seculo 14.<sup>o</sup> e principios do seculo 15.<sup>o</sup>

A idade classica, deste seculo até principios do seculo 17.<sup>o</sup> em que floresceram Vieira, João de Barros, Camões, Luiz de Souza.

A idade da decadencia que comprehende o ultimo quartel do seculo 17.<sup>o</sup> e 18.<sup>o</sup>

Nesta epocha, diz Costa e Cunha, os escriptores substituem a naturalidade e madureza do estylo dos

quinhentistas por subtilidades frivolas, metaphoras despropositadas, equívocos e trocadilhos insulsos.

Assim mesmo teve algum brilho, como já vimos.

Segue-se a esta época, a idade da restauração em que numerosos escriptores e poetas teem engrandecido a litteratura, procurando libertar a lingua do jugo da idade da decadencia.

Brillam no seculo 19.<sup>o</sup>: Bocage, Agostinho de Macedo, Curvo Semedo, Castilho, Garret, Alexandre Herculano, Theophilho Braga, Latino Coelho, Ad. Coelho, Oliveira Martins, e no Brazil José de Alencar, Bazilio da Gama, Durão, Alvarenga Peixoto Domingos Magalhães, Porto Alegre, Muniz Tavares, Tobias Barreto, Gonçalves Dias, Macedo, e muitos outros, pois o Brazil conta entre seus filhos os continuadores dos antepassados e isso « porque nesta terra abençoada cada joven é um escriptor cada cabeça pertence a um poeta. »

---

---

## VIII

### *I. Substantivos—II. Adjectivos*

Temos procurado fugir no correr de nossas notas do que é propriamente assumpto das grammaticas elementares.

O alumno de um curso de portuguez que, pelo menos almeja fazer seu exame final já deve trazer para esse curso grande somma de conhecimentos sobre divisão e classificação das palavras, sobre as delimitações dellas etc.

O estudo, então, depois de accentuados estes principios, é mais complexo e tem de relacionar-se com a origem e a etymologia das palavras.

E' do que vamos tratar agora a respeito das duas classes de palavras: substantivos e adjectivos.

O substantivo, que é o nome que indica a existencia de uma cousa, pessoa ou animal, e que os grammaticos dividem em abstracto, concreto, próprio, appellativo e colectivo, tem origens tam diversas que com segurança e firmeza não se as pôde dar de todos elles.

Em todo caso, o estudo historico-comparativo já chegou a estabelecer certo numero de regras pelas quaes se podem observar as transformações por que passaram as palavras,

E' occasião de appresentarmos estas leis que regulam as modificações phoneticas em nossa lingua.

1.<sup>a</sup> *Persistencia do accento tonico:*

Amar de *amare*; homem de *hominem* etc.

Este principio foi o grande factor que determinou a origem latina da lingua portugueza.

E' uma lei que se observa em todas as linguas romanicas.

2.<sup>a</sup> *Quêda da vogal não accentuada*, quer no principio da palavra: *episcopus* bispo; quer no meio: *maliitate*, maldade; quer no fim: *misturare*, misturar.

3.<sup>a</sup> *Quêda ou perda da consoante entre vogaes*: *Comedere*, comer; *malum*, mau.

4.<sup>a</sup> *Persistencia da consoante inicial*, que as vezes transforma-se: *casa*, casa; *catus*, gato.

No segundo exemplo dá-se o que se chama:

5.<sup>a</sup> *Abrandamento*, isto é, troca de letras que teem o mesmo organo sonoro.

6.<sup>a</sup> *Assimilação*, que é a attracção que um som exerce sobre outro: *ad presentare*, appresentar.

Pacheco e Luncira só nos dão as tres primeiras leis; Julio Ribeiro estende-se muito sobre as mudanças principaes de cada som; João Ribeiro esplana mais ou menos as leis que appresentamos, e nos mostra um completo quadro das permutas das vogaes, dos dithongos e das consoantes.

E' um trabalho bem feito, mas que vai além do que se faz necessario para o ensino.

Assentados estas bases, e sabendo-se que em regra as palavras portuguezes originam-se do accusativo latino podemos dizer alguma coisa sobre a derivação dos substantivos.

Os nomes proprios derivam-se em grande parte do grego, hebraico, latim, germanico etc.

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterisar os individuos por qualquer facto ou circumstancia notavel em sua vida.

Viamos por isso que Aristides, era o melhor; Job,



que geme ; Archimedes, eminente machinista ou pensador ; Carlos, forte, habil, valente ; Leopoldo, ornado, valente ; Julio que tem o primeiro pelio ; Abrahão, pae da multidão ; Agar, estrangeira, etc.

Os nomes proprios teem origem em diversas linguas

Do hebraico : Maria, David, Jeronymo, Moysés.

Do Grego : Theocrito, Philippe, Diogenes.

Do Germanico : Carlos, Eduardo, Izabel.

Do Latim : Mario, Deodato, Cicero.

Diz Th. Braga : Nas inscrições hispano-latinas o nome da familia prevalece sempre ao da tribu. A forma em *es* peculiar dos patronymicos, *Alvarez* filho de *Alvaro*, *Fernandez* filho de *Fernando*, *Mendes* filho de *Mendo* que subsiste no euskariano, *es. iz*, apparece no cantabrico e asturiano na forma *ves*, como notou Fernandes Guerra que a liga ao primitivo *ives*, pronome iberico.

O nome gentilico faz-se conhecer nas inscrições hispano romanas polo suffixos *cum* e *co*.

Este costume encontra-se muito vivo nas tribus indigenas : *Piragibe*, espinha de peixe ; *Poty*, camarão.

Os substantivos appellativos veem em geral do latim, porém outros formam-se por meio de prefixos e suffixos portuguezes, latinos e gregos. Por prefixação, e justaposição : *meio-dia*, *sobrepor* ; *subterfugio*, *objecto*, *amphibio*, *perimetro*, etc. Por suffixação : *facada*, *padeiro*, *vozeria*.

O primeiro caso forma a classe das palavras compostas. O 2.º a das palavras derivadas.

Bem torna-se patente a composição de qualquer um dos exemplos dados, e em muitos vocabulos o uso determina que sejam separadas as partes componentes por um traço de união : *redactor-chefe*, *lusco-fusco*, *arco-iris*, etc.

Mas em contraposição a este caso outras vezes sem um detido exame não se conhece a composição da palavra ; è o que se vê em :

*Naufragio* : *navis-fragium*, quebramento da nau.

*Marmota* : *murem-montes*, rato montez.

*Acabrunhar* : *caput-pronare*, vergar a cabeça.

*Kermesse* : *ker-misse* (hollandez) igreja missa.

*Benjoin* : *luban-jauin* (arabe) incenso de Java.

Deve-se observar tambem que as vezes a junção do prefixo produz um som desagradavel.

Para evitar este hiato supprime-se a vogal ou consoante final : *emigrar*, *ex-migrar* ; *intrinseco*, *intra-secus* ; ou então a consoante assimila-se a inicial da palavra seguinte : *acclamar*, *ad-clamar*.

Estas modificações, como diz Darmsteter, na *Formação das palavras compostas* já eram usuas no latim e são communs a todas as linguas neo-latinas.

Muitos desses compostos latinos, pela queda do signal externo de composição, ficaram considerados como palavras simples : *colher* de *col-ligere* e não *con-legere*.

A maior parte desses compostos decompuzeram-se porèm, na epoca romana : *providere*, *pro videre*, *pro-ver*, ; *ex* por *e* ; *dis*, por *de* ; *subtus*, por *sub*, etc.

Deixamos de dar uma lista de prefixos e suffixos por tornar-se para o alumno um simples trabalho mnemotechnico de que, podemos affirmar pela pratica que possuímos, resultado nenhum tirará.

Compete ao professor, tanto que possa, procurar nas palavras conforme se deparar a occasião, aquelles elementos e explica-los ao estudante, pois que só assim alcançará melhor resultado.

Possuímos uma lista de 200 radicaes gregos vulgarmente usados.

Este capitulo é um complemento dos ns. V e VI.

## II

Os adjectivos que tem por fim não só qualificar os objectos restringindo ou explicando a sua significação

como também determinar os nomes, compõem-se da grande classe:

Qualificativos.	(Explicativos.
	(Restrictivos
	(Possessivos.
	(Demonstrativos.
Determinativos.	(Relativos.
	(Indefinidos
	(Numeraes

Os adjectivos *possessivos* são de origem latina.

Só ha a notar o feminino *minha* e o lado de *tua* e *sua*.

Temos a primitiva forma : *mia* (sec. 12.º) que pelo prolongamento do nasal *m* ficou *minha*, como prova *mui* (*muim*), *muito* (*muinto*).

Os demonstrativos como todos os adjectivos determinativos tem origem latina.

Este, *iste* ; esse, *ipse* ; e aquelle, que segundo Diez origina-se de *ecce illum*, *ecc'illum*, e diz-nos Julio Ribeiro : *hic-ille*.

Appresentam-nos estes adjectivos, vestigios do neutro, como já dissemos, nas formas *isto*, *isto*, *aquillo*.

Dos *relativos*, a não ser *qualquer*; composto vernaculo (melhor indefinitivo) todos os mais veem directamente do latim *qui*, *qualis*, *quem*, *cujus*.

Dos *indefnidos* temos :

Algum : *aliqu'unum*, *aliquam*.

Cada : *quisque* (Diez) ou grego *kata*.

Certo : *certum*. No latim classico a forma é *quidam* vulgarisada no elemento popular do Brazil.

Mesmo : *metipissimus* ou *metips'mus*.

Muito : — *multum*.

Nenhum : *nec-unum*; é propriamente de formação portugueza.

Outro : *alterum*.

Tal : *talis*.

Todo : *totus*, com as variações *tota*, *totum* que é vestigio do neutro — *tudo*.

Entre os indefinidos podem ser incluídos *Fulano*, *Sicrano*, *Beltrano*, e o termo brasileiro *gente*.

Os indefinidos, *alguem*, *ninguem*, *outrem* contêm em si o elemento *hem* (homem) pois que só se referem as pessoas.

Os *numeraes* portuguezes só distinguem-se dos latinos pela phonetica—um : *unus*; dez : *decem*; sete : *septem*; vinte : *viginti*.

Para formar os ordinaes accrescentam à terminação a desinencia *esimo* : *trigesimo*, *quadragesimo*, *quingentesimo*, *nonagesimo*, ou o suffixo *eiro* : *primeiro* ou por derivação directa latina : *segundo*, *quarto*, *quinto*, *nono*, etc.

De 11 a 15, diz a Gram. de Pacheco e Lameira, os nossos numeraes indicam uma contracção regular dos typos latinos, sujeitos à acção dissolvente das leis phoneticas, que transformaram a desinencia *cim* em *ze*.

De 16 a 19 abandonando as formas syntheticas, seguiu o portuguez outro modelo a que os Romanos davam; referencia *por ser mais claro* segundo refere o Grammatico Prisciano *decem et septem*; *decem et octo*; *decem et novem*, (T. Livio, Cicero, Cesar, etc.), e em toda a numeração d'elle não mais se apartou.

De 20 a 90 nota-se o atrophiamento do numeral latino: *vinte*, *vigente*; *oitenta*, *octoginta*.

Podem ser incluídos na classe dos numeraes os multiplicativos *duplo*, *triplo* e outros.

A palavra indiana *corja* antigamente significava numero de vinte peças da mesma especie.

*Arroba* é palavra arabe que significa a quarta parte.

São hoje, porém, considerados como substantivos em cuja classe estão incluídos *dizimo* (*decimus*), *groza* (doze duzias) *par* (dous) etc.

Possuimos mais, os numeraes italianos empregados communmente na musica : *duo*, *trio* etc. e outros de origem latina (a decima parte do metro) *decimetro*, etc; e de origem grega (dez metros) *decametro*.

## IX

### I. — *Artigo.* II *Pronomes.* III *Collocação dos pronomes*

#### I

Em geral os grammaticos incluem os artigos na classe dos adjectivos determinativos e dão-lhe o nome de adjectivos articulares.

Em todo o caso é sem importancia essa distincção desde que ella não traz influencia sobre origem, transformação e emprego de tal especie de palavra.

Si nos não enganamos, diz Max Müller que artigo é a traducção litteral do nome grego *arthron* (latim *artus*) que significava a articulação ou juntura dos ossos.

Todos os pronomes eram considerados com articulações ou artigos do discurso.

Foi Zenodoto quem primeiro imaginou a distincção entre os pronomes pessoais e os simples artigos, aos quaes desde então deu-se o nome de *arthra*.

Sobre o artigo só ha uma questão a elucidar que é, qual a sua origem.

Duas são as opiniões mais importantes.

Junto a estas vem outra, mas de tam facil refutação que não merece capitulo especial.

E' assim a que diz que o artigo definido origina-se do grego.

Apezar de grande influencia que os gregos exerceram na Italia, a ponto de Cicero, Tiberio, Graccho e outros discursaram nesta lingua, não poderam introduzir o artigo nesta lingua, como pode-lo-iam fazer na peninsula iberica, onde a sua influencia foi somente sobre os usos e costumes ?

O grego nada innovou no latim popular, sim creou grande numero de palavras scientificas que só se fizeram notar depois da constituição da lingua.

As duas hypotheses importantes são :

1.ª a que origina o artigo do latim *hoc, hac* no ablativo singular, e *hos, has* na accusativo plural.

Esta differença já põe o espirito em sobresalto.

Assentam Leoni, Julio Ribeiro e outros a sua opinião no modo de escrever *ho, ha*.

Diz este: « O erudito Plinio o Moço, escriptor do 1.º seculo da era christã, entendia que o pronome *hic hæc, hoc*, empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeire artigo. Egger affirma que nas escolas do Imperio do Occidente usavam os grammaticos romanos de *hic, hæc, hoc* para designar os generos dos nomes.

Entretanto ha contra esta opinião dous factos que demonstram não ser ella muito verdadeira.

Em primeiro lugar, como é que todas as linguas romanicas originam o seu artigo de *ille, illa, illud*, só o portuguez se affastou desta derivação ?

O hespanhol tem *el, lo, la*; o francez *el, il, la, li, le, les*; o valachio *le, a*; o provençal *lo, la, il, italiano e castelhano lo, la*; não pôde, portanto, o portuguez que tem as formas antigas *el, ho*, e as modernas *o, a, os, as*, ter a mesma origem ?

É o próprio Jallio Ribeiro quem diz que não se pôde negar que houve no portuguez e no gallego lucta pela existencia entre as formas *lo, la, los, las, e o, a, os, as*, encontrando-se exemplos classicos d'umas e d'outras.

A 3.<sup>a</sup> opinião, a nosso ver a melhor, é, como se deve concluir, a que diz que o artigo definido origina-se de *ille, illa*, como se vê no latim popular e mesmo em Cicero: *illo caballo, illa ecclesia*.

Que a origem não pôde se *hoc, hac*, prova-se por causa da terminação, que em caso nenhum elimina-se completamente; pôde abrandar-se: *caveolam*, gaiola; *amicum*, amigo; outras vezes e principalmente nos monossyllabos nazala-se: *nec*, nem; *sic*, sim; *pectine*, pente.

Sô nos recordamos de um caso de desaparecimento completo, em *deão, decano*, ou *degano*, originado de *decanus*.

Para explicar-se a letra *h* da forma archaica *ho, ha*, originada segundo nossa opinião, basta um simples olhar sobre certas palavras escriptas no seculo 15.<sup>o</sup>: *hinsidias, husofructo, hê, hum*, hoje: *insidias, usufructo, é, um*.

Além do artigo *o* e suas variações, o portuguez conservou o artigo *el* sómente usado na phrase *el-rei*, originado de *ille*, e *el-dorado* (hespanhol).

O artigo indefinido a que alguns grammaticos sem razão não dão plural é *um, uns, uma, umas*.

Tambem pôde ser classificado na classe dos adjectivos indefinidos.

Querem crer que *um* appresente um vestigio da palavra *homo* (homem, ) ou pelo menos sua influencia.

Ha quem considere como pronomes sómente os pessoaes.

Outros incluem nessa classe todos os adjectivos determinativos que vierem sem substantivo claro, trazendo à memória o nome antecedente.

Estas distincções não tem valor algum etymologico.

Dispensamo-nos de analysar os pronomes que tem funcção de adjectivos, pois que já o fizemos.

Limitemo-nos agora a tratar dos pessoas.

*E*u forma abrandada da germanica é, derivada do latim *ego*; no seculo 13.<sup>o</sup> *eo*, e depois *ieo*, ou *ieo*, latente na phrase popular *geu*, *nan gen*; (nem eu).

*Tu*, *me*, *se*, *nós*, *vos*, *vos*, vieram sem alteração e directamente do latim.

*Elle* possui as formas archaicas *el*, *ello*, *ille*, e se origina com as suas formas para genero e numero de *ille*, *illa*, *illis*, *illas*.

*Mim*, originado de *mih*; o *m* final é produzido pelo prolongamento da nasal, como: *muuto* (*muuto*).

No portuguez ha muitas palavras duplas nazalizadas e não: *assi*, *assim*.

*Te* possui no portuguez a variante *che*, *ce* que alguns julgam ser melhor, variação de *se*.

*Lhe* deriva se de *illi*, com as formas intermedias *li*, *illi* e *lhi* no plural *les*, *lhes*.

*O* e suas formas substituem o pronome *elle* quando complemento objectivo, o tem: as formas antigas *lo*, *la*: *ama-lo* *quere-la*: origina-se de *illum*, *illam*, *illos*, *illas*.

O pronome *o* é o que desde o seculo 16.<sup>o</sup> substituiu no caso objectivo o pronome *elle*.

João Ribeiro orthographa o pronome *lo* assim *amal-o*. Entretanto diz em uma nota:

Os que dizem que o *l* é simplesmente euphonic explicam a permuta *r*, *l* em *amar-o*, *amal o*.

Mas como admittir permutas como *s* em *l* em *col-o* contra todas as regras da phonetica?

Houve, pois, queda da letra precedente *r*, *s*, e conservação do artigo *lo*.



Logo, dizemos nós, si a letra final desapareceu, que alem do mais torna bem patente a sua forma antiga e origem etymologica.

*Ti* e *si* derivam-se de *tibi* e *sibi* pela queda do *b* e contracção do *i*.

*Migo*, *tigo*, *sigo* usados em portuguez sempre com a preposição *com* veem das formas latinas *com me*, *te*, *se*, já trazem a preposição *cum*.

É uma repetição, *cum mecum*, *comigo*.

O mesmo se observa a respeito do *nosco*, *vosco* derivados por meio de contracção, de *nobi cum e vobiscum*.

## II

Sobre a collocação dos pronomes pessoaes são tantas as regras appresentadas, tantos os exemplos classicos, que infalliveis, certas e irrevogaveis leis ainda não foram approvadas.

Diz Dr. Teixeira de Mello :

« Nas orações em que o verbo tem por antecendente uma adversativa os pronomes veem depois. »

Diz Gama e Castro: « Quando a phrase começa por uma conjuncção os pronomes veem antes. »

Diz Dr. Paranhos da Silva :

« Ha quem pense que só nas orações incidentes se podem empregar antes dos verbos os pronomes, *me*, *te*, *se*, etc. entretanto :

De um gesto natural se converteu  
De um Mouro em Moçambique conhecido

Camões.

Diz José Castilho: « Quando a oração começa pelo verbo ou seu agente o verbo antepõe-se ao pronome, entretanto:

O tempo *me* soprou favor divino  
E as musas *me* fizeram desgraçado

Bocage.

Eu *me* arranco daqui com magua e dor

Padre Antonio Vieira.

Dr. Paranhos já uma regra geral: « Parece-me que o pronome se pôde collocar *sempre* antes do verbo, mas só *às vezes* depois d'elle. »

Bem se vê, pois, a grande diversidade de opiniões que ha. Em todo o caso devemos observar:

- 1.º Não se comece phrase pelos pronomes.
- 2.º Não se deve colloca-los depois dos participios passados.
- 3.º Com as formas do futuro e condicional use-se da *tmese*.

Deve se attender, porém, para a bóa comprehensão do discurso e principalmente para a euphonia.

---

## X

I— *Flexões nominaes* II— *Declinações em portuguez e latim.* III— *Graus.*

### I

Flexões, ( do latim *flecto*, curvo ) são as variações morphologicas que os vocabulos appresentam em sua terminação.

As flexões dividem-se em nominaes e verbaes.

Ha diversas theorias para explicar a origem dessas mudanças de fórmãs nas terminações.

A escola moderna, a mais acceitavel, tem provado que estas flexões eram originariamente palavras que tinham significação distincta, eram, por assim dizer, pronomes, participios etc. que soldaram-se à raiz.

Esse phenomeno acha-se palpitante nas fórmãs do futuro e do condicional das linguas romanicas: *amar-hei*, *amar-hia*— *havia*.

O latim forma os perfectos por meio de composi-

ção de palavras como em *amici*, onde se vê que *ei* está por *fui*.

O francez vai mais longe, pois que tem as formas analyticas *j'ai aimé*, e o futuro *aimerai*, por *j'ai à aimer*, o que é confirmado pelas velhas formas do sul *dir-vos-ai* por *je vous dirai*.

Nos poetas provençaes encontramos :

*Comptar vos ai* — *Contar-vos-ei*. *Donar-t'eu he*  
— *Dar te lo ei*.

No inglez a terminação do preterito *d* ou *ed* é o preterito *did*.

O que Leoni diz sobre a desinencia *ar* latina, vem mais corroborar a nossa opinião.

A desinencia latina *ar*, escreve elle, é uma fôrma que se deriva do verbo *ago*.

Com effeito, assim como *actio*, *onus* e *actus*, ãs são formas do mencionado verbo, a desinencia *ar* e suas variações mostram proceder da mesma raiz ou mais particularmente do nome *atus*, que significa *obra*, *produção*, *impulso*, *movimento*, donde provem a idéa de *extensão*, *grandeza*, *altura* e *intensidade*, significações que se acham todas expressas nas desinencias *aço*, *eco*, *ição*, *oço*.

Com a primeira significação : *Canniço*, rêde feita de cannas; *palhaço*, feito de palha; *mortico*, de morte e *ico*, indicando, *movimento* que se repete, e assim tambem *mocediço*, *espantadiço*, etc.

*Feitiço*, feito por *obra*; como substantivo é corrupção do africano *fatiche*.

Com a segunda significação, isto é, *extensão*, *altura*, vemos :

*Alcoroço*, grande alvura que sobe ao rosto causada por tudo o que pôde abalar o animo; dahi a idéa de *sobresalto* ou *commoção* vehemente.

Esta palavra julga Ad. Coelho designar antes a agitação da madrugada, a *alcorada*, derivando-se assim de *alcor*.

*Aranhiço*, aranha de pernas muito altas.

*Caroco*, de *caro* carne, e *co* intensidade: *carne dura*.

Dahi chamar-se por imitação *caroco* ao amago da fructa. Nos Açores, *caroco* significa tambem o *hymen* ou a *virgindade* da mulher e *quebrar-lhe o caroco* é o mesmo que deflora-la.

*Inchaço*, *incha* significava antigamente *soberba*, hoje é *tumor*, parte elevada por inflamação.

*Sargaço*, de *sargo*, planta semelhante a uvas e *co* deuctando *altura*: planta que fluctua no alto das ondas.

As flexões nominaes podem em portuguez ser de grau, de genero e de numero.

Os numeros singular e plural existentes em latim passaram da mesma forma para o portuguez.

Temos, porém, algumas palavras que mostram umas reminiscencias do *dual* grego, como: *dous*, *ambos*, *nós*, *vós*.

Quanto ao genero, observamos que os tres generos em latim: masculino, femenino e neutro, ficaram ao passar para o Portuguez reduzidos aos dous primeiros.

E' bom notar que os Romanos cêdo perderam tambem o sentimento do verdadeiro emprego do neutro, transformando-o no masculino.

Ha bistante divergencia entre os generos de algumas palavras em diversas linguas.

Assim, em allemão *mulher* é do genero neutro, *lua* masculino, *sol* femenino; em francez *mar* é femenino e este genero em portuguez é conservado na palavra, *preia-mar* (plena-mar).

Apezar de só terem passado para o portuguez os generos masculino e femenino, acha João de Barros, que se confessa o primeiro que poz em arte a nossa linguagem, que podem ser classificados como neutros os nomes das letras *a*, *b*, *c*, os substantivos verbaes: *o querer*, *o amar*; etc, e o artigo *al*.

Soares Barbosa considera neutras as terminações de alguns de nossos adjectivos de tres formas, a pri-

meira dos adjectivos de duas e ainda a unica dos adjectivos de uma só quando se empregar no discurso, ou substantivamente ou para modificar orações inteiras.

Temos assim as formas : este, esta, *isto*; aquelle, aquella, *aquillo*, etc. Oppondo-se a esta doutrina, diz F. Solano Constancio, que não existe o neutro porque não temos as formas correspondentes em latim *ut*, *um* e *al*.

Respondendo a esta opinião diremos que a ser assim, os nomes tomados do latim em *us* não são masculinos, pois que tal terminação não existe em portuguez.

Diez é de parecer que sempre que os adjectivos, *aquillo*, *algo*, *outrém*, *isso*, etc., preencherem funções de substantivo e vierem empregados como predicados de um nome neutro ou de uma phrase inteira, devem ser considerados como do genero neutro.

Bergmann é de opinião que as formas substantivas o *verdadeiro* (*verum*), o *bello* (*pulchrum*), o *bom* (*bonum*) são verdadeiros typos do neutro.

Em todo o caso é de pouca importancia esta distincção, e apezar d'algumas manifestações dessa natureza o neutro sómente incidentemente apparece.

Observa-se no desenvolvimento progressivo das linguas a mudança de genero que as palavras vão adquirindo.

Sobre a palavra *lua* diz Th. Braga :

« Em todas as linguas teutonicas *lua* é do genero masculino, *sol* do femenino ; sómente por imitação das linguas classicas os generos destes dous nomes foram mudados. E a razão de *lua* ser palavra masculina, era por ser considerada como medidor dos dias, das semanas, das estações, regulador das festas, e das marés, o arauto das assembléas publicas, o que faz julga-la como um ser viril, e não como a arrebatadora jovem que a poesia moderna collocou em logar da antiga concepção dos nossos pais.

As palavras *cometa* e *planeta* eram antigamente femininas :

*Mas já A PLANETA que no céu primeiro.  
Habita cinco vezes APRESSADA.*

Camões.

Os antigos não davam terminação feminina aos adjectivos terminados em *or* exemplo :

*Maria, MORADOR em Lisboa.*

Fern. Lopes.

*Arte IMITADOR da natureza.*

Arrais.

E como estes, innumerados casos se encontram.

## II

Na *Sciencia da linguagem* de Max-Müller encontramos a seguinte observação sobre a palavra *casos* de cuja influencia vamos tratar :

« Na *Lingua philosophica* dos Stoicos, *ptosis* que os Romanos traduziram por *casus*, significa realmente *quêda*, isto é, a relação de uma idéa com outra, e acto pelo qual uma palavra cêe e se appoia sobre outra.

Longas e vivas discussões tiveram logar sobre a questão de saber-se si o termo *ptosis* ou *casus* podia applicar-se ao nominativo e todos rejeitaram a expressão de *casus rectus* porque segundo os grammaticos Stoicos, o sujeito ou nominativo não cêe, nem sobre

cousa alguma se appoia, mas sim serve de ponto de appoio as outras palavras da oração »

O nominativo e os demais casos de que se compõe a declinação latina soffreram senão completo desapparecimento, pelo menos grande simplificação, simplificação que já se observa na propria lingua latina.

O desapparecimento dos casos trouxe em portuguez o emprego do systema proposicional que tambem se encontra no latim popular.

Por certo foi se operando lentamente nas linguas néo-latinas, e em francez, como diz Brachet, temos a distincção do artigo *li* nominativo, de *le* accusativo.

Hovelacque affirma que a simplificação encontra-se em todas as linguas modernas.

No persa não ha propriamente declinação ; quando se quer exprimir o dativo, o accusativo, juntam-se ao nome certas preposições.

O grego moderno perdeu as fôrmas do dual e do accusativo.

Quanto ás linguas semiticas, o arabe falado corrente deixa cahir as desinencias que no arabe litterario indicam os tres casos do systema linguistico semitico ; no arabe vulgar, estes casos se reconhecem pela posição das palavras na phrase e pelo emprego das preposições.

As linguas néo-latinas, com excepção do italiano, valachio e francez, perderam o systema das declinações e destas mesmas linguas somente a primeira conservou até hoje.

Em Portuguez tambem encontramos alguns vestigios da declinação latina.

Do *nominativo*, temos principalmente os nomes proprios: *Carlos, Luiz, Marcos, Moysés, calis* (calix, calice), *Deus, Jesus, simples* (simplice), *demo, elle, ladro*, (de que prevaleceu o femenino *ladra* em lugar de *ladrona*), *Leopardo*, (leo pallidus), *serpe, vinagre, virgo*.

Do *genitivo* poucos vestigios encontram-se em



portuguez e isto é facil de explicar porque desde o periodo classico o genitivo começou a ser substituido pelo ablativo com a preposição *de*.

Assim mesmo encontramos: *aqueducto* (aqueductus) *jurisconsulto*, *legislação* (legis lationem,) *petroleo* (petro oleum) *pebliscito* (plebis scitus,) *terremoto* (terræ motus).

Do *lativo*, por causa da confusão do locativo, do genitivo, do ablativo e do instrumental, como diz Schleicher, a flexão era imperfeita. Assim mesmo possuímos os pronomes *mim*, *ti*, *si*, *lhe*, *crucifixo* (cruci fixus), *devoto* (deo votus), *fideicommisso* (fidei commissus).

Foi o *accusativo* um dos poucos casos da declinação latina que na passagem para o portuguez conservou toda a força syntactica.

E' occasião de succintamente tratarmos da questão de qual ser o caso donde etymologicamente derivaram os nomes portuguezes: do accusativo, ou do ablativo? Dizem os que sustentam ser o *ablativo* o caso originario, que, por exemplo, a palavra *servo* em portuguez não pôde vir de *servum* (acc.) e sim deve vir de *serco* (abl.) Esse grande argumento cae por terra desde que attendamos que o suffixo *m*, resto da forma aryana *ma*, perdeu-se, o que já é observado nos antigos documentos da lingua e como diz Corsen, foi este uso se generalizando em latim.

A queda do *m* é tam natural como do *s* de grande numero de nominativos.

Vemos assim no latim barbaro *illo* por *illum*, *Antonio* ou *Antoniu* por *Antonius*.

Para provarmos ainda mais ser o accusativo o caso originario, basta observarmos as palavras imparisyllabas neutras:

tempo	—	acc.	<i>tempus</i> ,	abl.	<i>tempore</i> .
corpo	—	»	<i>corpus</i> ,	»	<i>corpore</i> .
peito	—	»	<i>pectus</i> ,	»	<i>pectore</i> .

Donde se vê, a originarem-se do ablativo estas palavras deviam em portuguez ser: *tempre, corpre*, etc. como succede com os nomes que não são neutros:

arvore	— acc.	<i>arborem</i> ,	abl.	<i>arbore</i>
lebre	— »	<i>leporem</i> ,	»	<i>lepore</i>

Ainda se encontram vestigios do accusativo nos pronomes *te, se nos, vos*, nos termos *o, a* (*illum, illam*) accusativos de *ille, illa*.

Em alguns vocabulos portuguezes encontram-se vestigios de accusativo: *marmota* (*murem montis*), *morcego* (*murem caecum*), *homem* (*hominem*).

E' digno de nota os dous casos nominativo e accusativo dando origem à mesma palavra.

A derivação só é indicada pelo accento tónico:

virgo	originado	de	<i>virgo</i>
virgem	»	»	<i>virginem</i>
erro	»	»	<i>erro</i>
error	»	»	<i>errorem</i>
ladro	»	»	<i>latro</i>
ladrão	»	»	<i>latronem</i>
serpe	»	»	<i>serpe</i>
serpente	»	»	<i>serpentem</i>
léo	»	»	<i>léo</i>
leão	»	»	<i>leónem</i>
saibo	»	»	<i>sapor</i>
sabór	»	»	<i>sapórem</i>

E o que constitue as formas divergentes.

O *vocativo*, por ser uma repetição do nominativo, somente introduziu no portuguez: *Ave-Maria*.

Em portuguez para empregarmos este caso precedemo-lo de alguma interjeição.

O *ablativo*, segundo Bréal, tornou-se pela perda do locativo e do instrumental, o representante de um

grande numero de relações, vindo então em seu auxilio o emprego de varias preposições.

Um fragmento da obra de Cesar *Da Analogia* nos faz crêr que é talvez a elle a quem devemos o termo *ablativo*.

Este nome não se encontra em escriptor algum anterior.

O *ablativo* foi o caso que mais relações representava; segundo diz J. F. Castilho, em cada grupo de palavras nove descendem do *ablativo*, e verificou tambem que em uma pagina de Cicero dous terços dos substantivos e adjectivos estavam no *ablativo*.

Em portuguez possuímos algumas palavras que nos indicam vestigios deste caso.

Assim: *Amanuense* (a-manu-ensis); *agora* (haec hora), as formas *migo* (mecum), *tigo* (tecum), *sigo* (secum) que passaram agglutinadas com as preposições para o Italiano, Hespanhol e Portuguez, e todos os adverbios em *mente*, *ablativo* de *mens*, *mentis*.

Na linguagem popular encontramos formas com esta origem, taes são: *cum quibus* (dinheiro) *qui-pro-quo* (engano, descuido), *busillis*, derivado segundo o Dr. Castro Lopes da phrase *in diebus illis*, etc.

### III

A noção de grau pode ser applicada a qualquer classe de palavras, conforme o sentido e a extensão que se derem a essa noção.

Deste modo, quem negará que nos synonimos não se observam estes phenomenos?

Por acaso não terá uma significação mais intensa a palavra *palacio*, do que a palavra *casa*?

O mesmo poderíamos dizer, se observassemos a etymologia de certas preposições como *in*, compara-

tivo *inter*, e superlativo *intimus*; *er* comparativo *extra* e superlativo *extremus*; *præ*, *super* etc.

Nos pronomes as formas de grau comparativo ariano *ter*, são indiscutíveis: *nos*, comparativo *noster*, *cos*, comparativo *vester*.

Os verbos por sua vez podem ser susceptíveis de grau.

Assim, exprimindo a reiteração ou frequência do acto, diremos: *saltitar*, *palpitar*, e *tutucar*, originados de *saltar*, *palpar*, e *tocar*.

Esse processo é usado pelos indigenas, e como diz José de Alencar: *Muré*, flauta, *murémuré*, flauta grande.

Entretanto, praticamente a grammatica só dá flexões gradativas ao substantivo e ao adjectivo.

Os graus do substantivo formam-se ou syntheticamente por meio dos suffixos: *aco*, *alho*, *ão*, *az*, etc., (augmentativo), *inho*, *éto*, *ino*, *ito* etc. (diminutivo) ou analyticamente, por meio de palavras que em regra são collocadas antes dos nomes, taes como: *grande*, *pequeno* etc.

Muitas vezes o diminutivo não exprime propriamente diminuição e sim carinho, dó, como vemos em *filhinho*, *pobresinho*.

Outras vezes encontramos as formas do gerundio assumindo flexão diminutiva, como para dar mais expressão à phrase, o que tambem acontece no Hespagnol e Gallego.

« *Estar dormindinho.* »

Da mesma forma os adverbios aceitam uma mudança na terminação para tomar forma diminutiva: *cedinho*, *decaçarinho*.

No estylo familiar é uso repetir a mesma palavra para augmentar a força da expressão, ex: *Estou muito muito satisfeito*.

Encontramos, outrossim, muitos diminutivos em portuguez a que faltam as formas simples; estão neste caso:

acucula, *agulha*, de acus.

apicula, *abelha*, de apis.

ovicula, *ovelha*, de ovis.

lentilha, *lentilha*, de lenta.

caveola, *gaiola*, de cavea.

rotula, *rolha*, de rota.

januella *janella*, de janua.

dominicella, *donzella*, de domina.

Finalmente possuímos varios augmentativos a que faltam positivos.

Assim : *comilão*, *fujão*, *estirão*, *dizedor*, *cansaço*, etc.

Herdamos do latim os tres graus de significação a que estão sujeitos os adjectivos.

Synthetically forma-se o grau superlativo absoluto com o acrescimo da terminação de *simus*, abrandada de *timus*.

Por meio da anteposição dos adverbios *mais*, *menos* e *tam*, como ensinam os grammaticos, é que formamos analyticamente o comparativo de superioridade, de inferioridade e de egualdade; e com os adverbios *muito*, *nada*, ou *mais*, ou *menos*, formamos os superlativos analyticos absolutos ou relativos.

Entretanto bem se pôde comprehender que ha adjectivos que formam os seus graus irregularmente.

São os chamados comparativos e superlativos synthetics irregulares: *bom*, *optimo*; *grande*, *maior*; *pequeno*, *minimo*, etc.

Outros ha que appresentam duas formas, uma constituida pelo augmento do suffixo, outra buscando a origem da palavra para depois sujeitar-se ao processo grammatical.

Estão neste caso :

*Pobresinho* ao lado de *Pauperrimo*.

*Friissimo* ao lado de *Frigidissimo*

*Inteirissimo* ao lado de *Integerrimo*; os primeiros, superlativos populares, os segundos, eruditos.

Ha um outro systema de formação de superlativo

e que se observa principalmente no hebraico, o da reduplicação :

*Cantico dos Canticos*  
*Rei dos Reis.*

Este processo approxima o superlativo do numero plural, diz Sayce.

O superlativo é grau que pertence ao adjectivo ; entretanto na linguagem popular ou familiar costumamos dizer : *COSSISSIMA nenhuma.*

No latim barbaro tambem havia *dominissimo.*

Observamos mais que a Lingua Portugueza possui superlativos e comparativos, cujos positivos não se empregam :

*minacissimo de minas,*  
*belacissimo de belas.*

Actualmente possuímos em portuguez algumas formas de comparativo exprimindo idéa de diminuição : *maiusculo* etc., correspondente ao latim *grandiusculo* e donde indirectamente formamos a palavra *maior-sinho.*

Alguns adjectivos regeitam as flexões gradativas : *superior, jorem, longinquo, adolescente* e outros poucos.

E' o que de mais notavel encontramos sobre as flexões de grau que soffrem os vocabulos em Portuguez.

Deslisamos por sobre o que faz objecto das grammaticas praticas que não são em pequeno numero, esquivamos-nos de tratar sobre os comparativos de igualdade, superioridade e inferioridade, sobre os superlativos absolutos e relativos, pois só tivemos em mente ao iniciar a publicação destas notas esboçar o que de mais importante se encontra no estudo de nossa lingua.

Assumpto mais scientifico, nos chama a attenção. As flexões verbaes demandam muito estudo e são de muitissima importancia.

## XI

### *Flexões verbaes*

A distincção entre o nome e o verbo ou para falar mais correctamente entre o sujeito e o attributo, foi, diz Max-Müller, obra dos philosophos.

Assim tambem os nomes technicos para o caso, numero e genero foram inventados em uma epocha muito longinqua, com o fim de penetrar a natureza do pensamento e não de attingir um fim pratico, analysando as formas da linguagem.

Platão conhecia o nome e o verbo como sendo as duas partes constituintes do discurso.

A estas Aristoteles juntou os artigos e as conjuncções e observou tambem as distincções dos numeros e dos casos; porém nem um, nem outro deu grande attenção ás formas da linguagem que correspondiam a estas manifestações do pensamento.

Para Aristoteles o verbo ou *rhema* não era mais que o attributo: *A neve é branca, branca* era um verbo.

Os primeiros que estabeleceram uma certa ordem

nas formas verdadeiras da linguagem, foram os sabios da Alexandria.

Milhares tem sido as definições que os grammaticos dão do verbo, e no meio dellas o espirito dos estudantes tacea na incerteza.

Parece-nos, entretanto, que a definição que está mais longe de discussões, é a que diz que « verbo é a palavra que exprime o facto ».

Os chinezes sabiamente chamam aos verbos, palavras vivas, em contraposição aos nomes, palavras mortas.

O estudo comparativo das conjugações latina e portugueza é muito complexo e difficiloso.

Em nossa lingua só conhecemos um trabalho perfeito sobre este assumpto, que é o do sabio philologo portuguez Ad. Coelho, sob o titulo: *Theoria da Conjugação em Latin e Portuguez*, e para a seguirmos terra a terra, perderiam os nossos artigos o titulo de *notas* para adquerir o de um estudo completo.

Dizer que os verbos portuguezes tem um thema e desinencia correspondendo a ultima aos suffixos nominaes, nada ahi havia digno de *nota*.

Que os verbos, como todas as palavras conservam em regra o accento latino, com excepção, no caso vertente, dos verbos em *ere* breve, como *currere*, *correr* etc., era repetir um principio já conhecido.

Dar uma lista dos participios irregulares preferidos aos regulares etc. era descer do ponto em que nos temos collocado para de novo estudar o que as grammaticas aos milheiros dizem e repetem.

Assim, melhor seria explicar sunccintamente o plano da obra de Ad. Coelho, detendo-nos nos logares que mais se prestarem a uma explicação clara aos estudantes, para quem somente temos a velleidade de dizer cousas novas.

Antes porém, é bom que fique bem assentada no espirito dellas, a verdadeira noção sobre a irregularidade dos verbos.



Propriamente falando, em portuguez só existem dous verbos simples irregulares: *ser* e *ir*, os quaes teem varios themas. O primeiro tem as raizes: *es*, formando o presente e o imperfeito do indicativo, a raiz *fu* d'onde formam-se o perfeito e mais que perfeito do indicativo, o imperfeito e futuro do subjunctivo, e finalmente a raiz *sed*, originando todas as fórmãs de *se*: *seja*, *ser* etc.

O mesmo se dá com o seu composto *poder*.

O verbo *ir*, do latim *ire*, completa a sua conjugação com o verbo archaico portuguez *var* (lat *vadere*) e *ser*: é o que diz a Grammatica de Pacheco Junior e Lameira de Andrade.

As pretensas irregularidades dos verbos não resistem á analyse etymologica, são mais do dominio do estudo pratico do que do theorico.

A prova palpitante está no verbo *pôr* sobre o qual em geral fazem-se as mais exquisitas observações.

« Este verbo não pôde servir de norma a conjugação alguma, porque é um verbo irregular !!! »

Mas como provar-se esta irregularidade?

Conjugando-se por outro da mesma conjugação?

Não, porque elle é o unico.

Analysando-se-lhe as fórmãs latinas? Não, porque estas provam que elle é perfeitamente regular: ponho, *poneo*; pões, *pones*; põe, *ponet*.

Portanto fique bem claro e assentado, a grande classe de verbos irregulares não existe senão para aquelles que estudam a lingua portugueza superficialmente como se fazia ha uns vinte annos passados.

A noção do tempo não é bem firmada em nossa lingua.

Em primeiro lugar, diz-se e com razão que não existe o presente, porque desde que o facto se dá, comparando-se este momento com o immediatamente posterior, reduz-se aquelle a passado.

Além disto possuímos muitos vicios e modos vulgares de falar, onde empregamos constantemente o pre-

sente pelo passado, ou pelo futuro: *Napoleão Bonaparte diz aos seus soldados. Do 2.º caso: vou amanhã.*

Sobre os modos também divergem as opiniões.

Ha quem diga que o condicional é um simples tempo futuro dependente de uma condição; é uma maneira media e commum ao indicativo e ao subjunctivo.

Por influencia da lingua hebraica empregamos o futuro em lugar do imperativo, como no estylo biblico: *Não matarás.*

O infinito é um simples derivado verbal.

Ha a notar sobre o infinito que apesar de appresentar uma fôrma indeterminada, parece que manifesta-se uma determinação, um tempo. D'ahi o dizer-se que a noção de tempo é mais importante que a de modo.

As tres fôrmas que elle tem no supino, no gerundio e no infinito, diz um escriptor, parecem exprimir os tres tempos simples, desde que se lhes ajunte um auxiliar:

supino	gerundio	infinito
<i>tem sido</i>	<i>está sendo</i>	<i>ha de ser</i>
(passado)	(presente)	(futuro)

Nos antigos idiomas indo-germanicos só existiam quatro modos propriamente ditos: o optativo, o conjunctivo, o indicativo e o imperativo, como diz Schleicher.

A lingua latina reúne os dous primeiros sob o nome de conjunctivo.

A conjugação portugueza só tem de novo o futuro por composição impropria ou periphrastica, e o falsamente chamado modo condicional, que, como affirma A. Coelho, não é mais do que um imperfecto, também formado por composição impropria.

Ad. Coelho começa na *Theoria da Conjugação em latim e portuguez* a analysar a formação dos verbos em geral.

Os verbos, diz, exprimem a acção e as relações do tempo, modo e pessoa.

Nas linguas indo-germanicas compõe-se o verbo da raiz que é o elemento da significação, e dos elementos da relação precedidos por aquella.

A ordem dos elementos do verbo é : thema temporal mais desinencia pessoal.

Dá elle como exemplo o verbo *no-sci-t* em que o *t* indica a terceira pessoa do singular, *sci* o presente ( no perfeito *no-vi* falta este elemento), *no* indica a raiz, a acção de conhecer.

Os themas temporaes são simples, como em *ama*, raiz *am*, suff *a*; e compostos, como *ama-vi*, thema *ama* e thema do preterito *vi=fui*.

## I I

Continua Ad. Coelho, tratando das desinencias pessoas.

A desinencia da *primeira pessoa do singular* é *m* do thema pronominal indo-germanico *ma*, que conserva as seguintes formas :

1.<sup>a</sup> do imperfeito da raiz itálica *fu*, no latim *bam* por *fuam* : *amabam*.

2.<sup>a</sup> do imperfeito da raiz latina *es* : *eram* por *esam*.

3.<sup>a</sup> do optativo e -do conjunctivo : *siem*, *dicam*.

4.<sup>a</sup> do presente do indicativo da raiz *qua* (dizer) *inquam*, e da raiz *es* : *sum* por *esum*.

E' bom notar-se que nas demais formas da primeira pessoa do presente assim como nas do preterito, essa forma deixou de ser escripta : *feror* de *ferom*; *dico* de *dicom*, etc.

O mesmo se observa no accusativo latino.

E' o phenomeno que se dá em portuguez : *amava*, *dizia*, *diga*.

A desinencia da *primeira pessoa do plural* em

latim é *mus* em todos os tempos: *amamus*, *amavi-*  
*mus* etc.

O portuguez conserva essa desinencia e antiga-  
mente escrevia-se: *amamus*=*amamos*, como prova  
*nossus filius*.

No latim a desinencia da *segunda pessoa do*  
*singular* appresenta tres formas:

1.<sup>a</sup> *ti*, do thema pronominal indo-germanico *ta*  
como no perfeito *dedisti*.

2.<sup>a</sup> *s* indo-germanico, forma secundaria de *s* de *si*.  
Este *si* é forma assibilada de *ti*, diz Schleicher.

Conserva-se em latim: *amas*, *amabas*, excepto  
no perfeito.

O mesmo dá-se no portuguez mudando-se sómen-  
te o *ti* em *te*: *deste*.

3.<sup>a</sup> *to*, desinencia emphatica do imperativo, da  
forma do antigo latim *tod*.

Em portuguez o imperativo não tem desinencia  
pessoal.

A desinencia da *segunda pessoa do plural* em  
latim é *etis*, indo-germanico *tasi*, que apparece em  
todos os tempos *fertis*, *datis*, *dedistis* etc.

No imperativo perde o *s* e muda o *i* em *e*.

Occorre em latim uma forma emphatica *tote*.

Em portuguez o *t* da desinencia fica inalterado  
no preterito por causa do *s* que o precede: *amastes*  
de *ama (vi) stis*.

Fóra deste tempo abrandá-se em *d*: *amatis*, anti-  
go portuguez *amades*, ficando finalmente syncopado o  
*d* por estar entre vogaes, como em *fidelis*, portuguez  
*fiel*.

A desinencia da *terceira pessoa do singular* é  
em latim *t*, forma secundaria de *ti* abrandada de *ta*.

Esta ultima forma é pronome demonstrativo que  
só apparece em composição: *is-te*, *is-ta*, *is-tu-d*.

No imperativo *to* vem de *tod*, no osco *tud*, no  
grego *to*.

Do quarto seculo da era christã em diante o som

do *t* foi sendo proaunciado surda e fracamente na lingua do povo, e às vezes supprimido, como diz Corsen.

Nos primeiros Cancioneiros Portuguezes ainda se encontra a fôrma *est*, modo de escrever do verbo *ser*, puramente etymologico, e que só é empregado para evitar o hiato; a fôrma usual é, porém, *é*.

A desinencia da *terceira pessoa do plural* em latim é *nt* por *nti* que só foi conservada em *trementi*, e é igual no indo-germanico *nti*, empregada depois de thema vogal, e *anti* usada depois do thema consonantal.

Em latim ha *sunt*.

No perfeito em *runt* observa-se simplesmente a fôrma do presente da raiz *es*: *sunt* mudado o *s* em *r*.

O imperativo tem *nto*, indo-germanico *ntat*.

A desinencia da terceira pessoa depois de reduzida à fôrma do latim *nt* passou por ultteriores modificações.

Em portuguez o *t* apparece apocopado, o *n* tornado final fica reduzido a uma resonancia nasal ou melhor, funde-se com a vogal que o precede em uma vogal nasalizada.

Em portuguez a desinencia desta pessoa é *ão* ou *am*, facilmente explicada, ou então é *em* que ora provem do *e*, ora do *u* latino.

Bem se vê, quanto o trabalho do eminente philologo é methodico e claro.

Joeirando o que de mais util e necessario contém o seu livro, julgamos ter cumprido o nosso dever.

### III

Sobre os themas do *perfeito* diz o grande philologo :

Estes themas são simples ou compostos, como *fui*, ou *jacui* por *jac-fui*.

A explicação dos primeiros é talvez o ponto mais obscuro da theoria da conjugação latina.

Todavia podem ser explicadas da seguinte maneira :

1.º Os themas ou tem a raiz reduplicada ou não, e neste caso tem quasi sempre a vogal alongada.

Em grego e sanskrito o perfeito é produzido pela reduplicação : *vid-vid-ma* no indo germanico significaria : eu vi. Em latim ha *cecide*, *pupugi*, *momordi* etc.

Quando o thema é sem reduplicação devemos notar que, ou a vogal que era breve no presente torna-se longa no preterito : *livi* de *lavo* ; ou ao *a* do presente corresponde *e* : *feci* de *facio* ; ou então apparecem themas com vogal radical longa tendo ao lado formas do presente com vogal tambem longa : *sidi* ao lado de *sido* ; ou themas com vogal longa que tem ao lado formas do presente com vogal da raiz seguida de nasal (a muda-se em *e*) : *fregi* ao lado de *frango* ; ou themas com vogal radical breve ao lado de presente com vogal seguida de nasal : *fidi* ao lado de *findo* ; ou finalmente themas em que reapparecem a vogal radical do presente e as consoantes que a seguem sem alteração : *defendi*, *accendi* etc.

Entretanto não ha ainda uma explicação completa e satisfactoria destas formas sem reduplicação.

Julga Schleicher que todas as formas latinas do preterito proveem da forma reduplicativa, numas houve simples queda da syllaba de reduplicação, noutras, contracção.

A's primeiras pertence *tuli* ao lado de *tetuli*. A's segunda *fregi* ao lado de *frefigi*.

2.º Depois da raiz, um elemento *i* primitivamente longo em todas as pessoas, ao qual se juntam logo depois as desinencias pessoas na 1.ª singular e plural e 3.ª singular.

Em latim as terminações são : *i*, *isti*, *it* etc.

Uns explicam estas formas dizendo que este *i* é um elemento do quinto aoristo activo sanskrito, como diz Corssen.

Outros, que devem ter origem no *a* breve formativo do perfeito sanscrito e grego.

A questão do perfeito latino é irresolúvel com os dados que até hoje se teem.

3.º Um *s* collocado depois do elemento *i* na 2.ª pessoa singular e plural e na 3.ª plural mudado em *r*.

Este *s* é resto da raiz *es* (*ser*) que entra em composição nãs formas verbaes das linguas indo-germanicas.

Para o portuguez os unicos perfeitos simples que passaram do latim são :

a) da raiz *da* : *dei* de *dedi* ; *déste* de *dedisti* ; *deu* de *dedit*, influenciado pelas formas do perfeito composto dos derivados em *e*, como *deveu*, etc., etc.

b) perfeito da raiz *ven* : *vim* de *veni*, etc.

Houve cuidado em evitar a confusão da raiz *ven* com o perfeito da raiz *vid*, pois de *venisti* melhor viria *viste* que *viéste*.

c) da raiz *fu* : *fui* de *fui* ; *foste* de *fuiste* etc.

d) da raiz *vid* : *vi* de *vidi*, *viu* por analogia dos derivados em *i* como *vestiu* etc.

e) da raiz *fac* ; *fiz* de *feci* etc.

Nas formas portuguezas é bom notar : 1.º que o *e* latino na 1.ª pessoa singular é representado por *i* para distingui-lo da 3.ª pessoa que conserva o *e* ; 2.º que nas syllabas não accentuadas o *e* muda-se em *i* por analogia da 1.ª pessoa ; 3.º a mudança da accentuação na 1.ª pessoa plural por analogia das formas dessa pessoa no perfeito portuguez em que ella é accentuada na penultima : *comemos*, *partimos*.

Sobre os themas simples do imperfeito, verifica-se que o seu numero é muito limitado.

Em latim só se encontram dous : o do imperfeito da raiz *es* : *era* por *esa* e do imperfeito da raiz *fu* : *ba*, por *fua*, que só é empregado em composição : *monebam*.

Schleicher diz ser este imperfeito formado, como o lituanico juntando-se à raiz as formas do presente dos verbos derivados em *a* longo, primitivo *aja*.

Córsen com melhor vantagem diz que *eram* vem do sanscrito *asam*.

Do mesmo modo formou-se um imperfeito da raiz *bhu*, *fu* que pela phonetica latina mudou-se em composição em *bam*, *bas*, *bat*, *bamus*, etc.

Em portuguez o imperfeito da raiz *es* é : *era*, *eras*, *era*, *éramos*, *éreis* (ant. *erades*) *éram*.

Nota-se, pois, haver deslocação do accento no *a* para formar o plural.

Como vimos, a raiz *fu* entra em nossa lingua somente em composição ; em outro lugar trataremos de todos os perfeitos compostos e do respectivo imperfeito.

As formas simples do perfeito parecem provir de uma epocha longinqua o que torna difficilima a sua analyse e boa explicação.

Dahi procurar o latim um processo novo para formação de novos perfeitos.

E como succede no periodo da decadencia das linguas, o meio posto em pratica foi o da composição de que breve trataremos.

#### IV

Sob o titulo de suffixos modaes trata depois Ad. Coelho de comparar as alterações que as duas linguas latina e portugueza soffreram nos modos de seus verbos.

O indicativo não tem suffixo modal. Forma-se pela união do thema verbal ás desinencias pessoaes.

O imperativo só se distingue do indicativo porque as desinencias pessoaes adquirem força vocativa.

O logar dos suffixos modaes é entre o thema verbal e a desinencia pessoal.

A forma primitiva do suffixo optativo era *a*.

No conjunctivo latino descobrem-se algumas formas primitivamente de suffixo optativo.



As formas optativas conservadas no latim passaram pelas seguintes modificações: *ja, ie*; *já, ié*; *i, í* como *siem, sim, sim*; *sies, sis, sis* etc.

Do mesmo modo com as raizes latinas *vel, ed, du*: *velim* por *veliem*, *edimus* por *ediemus*, *duis* por *dais*.

Em portuguez como em latim o final do thema optativo conjunctivo da primeira conjugação (única que conservou a forma optativa dos derivados em *á*) é constantemente *e*.

*ame*  
*ames*  
*ame*

*amem*  
*ames*  
*amet* etc.

O conjunctivo presente dos verbos primarios e dos derivados em *é* e *í* latinos, são representados em portuguez pelos em *e, i*:

Verbo primitivo:

*diga*  
*digas*

*dicam*  
*dicas* etc.

Verbo deriva em *e*

*deva*  
*debas*  
*deva*

*debeam*  
*debeas*  
*debeat* etc.

Verbo derivado *i*

*Vista*  
*Vistas*  
*Vista*

*Vestiam*  
*Vestias*  
*Vestiat* etc

Por ultimo alonga-se Ad. Coelho para explicar a formação dos themas temporaes.

Sobre o thema do *presente*, elle distingue:

1.º Themias constituídos pela raiz sem suffixos.

Nesta classe a raiz appresenta-se na sua formação simples ou reforçada.

O latim offerece poucos casos:

a) presente da raiz latina *es*, (ser) como: *sum* por *esum* de *es-m* (u vogal euphonica ou negativa).  
*sumus*, por *esumus* de *esmus*.

b) algumas formas do presente da raiz latina *vol* (querer) *volumus* por *volmus* (u ligativo).

c) terceira singular do presente da raiz latina *ed* (comer), *est* (elle come) por *edt*.

d) terceira singular do presente da raiz latina *fer* (levar) *fert* que talvez provenha de *ferit*.

e) as formas do presente da raiz latina *da* (pôr):

1ª s. *do*

1ª p. *dimus*

2ª s. *dis*

2ª p. *ditis*

3ª s. *dit*

3ª p. *dunt*

que apparecem nos compostos: *ab-di-t*, *cre-di-t* etc  
Raizes com a vogal reforçada.

A esta classe pertence o thema do presente da raiz *i*, cujo perfeito é *i-vi* e o supino *itum* que antigamente apparecia com as formas:

*eiur*, *eis*, *eit*, onde o dithongo contrahio-se em *i* longo.

Parecem pertencer a classe: *flô*, *flás*, *flat* etc. *fôr*, *fâris* etc. (antigo latim) que occorre em *fâbula* etc. *dô*, *dás*, *dât*, onde a vogal só é reforçada no singular e *no*, *nás*, *nât*.

Em portuguez o presente da raiz *es* é: *sou*, *és*, *é*, *somos* etc.

Só ha a notar que a 3ª pessoa singular seja *é* por *és* que foi usado para distingui-la da 2ª singular.

O *s* desta pessoa é o signal constante da 2ª pessoa, emquanto que na 3ª não tinha significação.

Quanto aos themas *val*, *nâ*, *flá*, *fâ* perderam se em nossa lingua; os compostos de *do* seguem analogicamente os themas em *a*; as formas do presente de *dô* e *stô* seguem as latinas *dou*, *dás*, *dá*, *damos* etc, *estou*, *estás*, *está*, *estamos*.

Quanto aos *themas ed, fer* pertencem ao caso:

2.º *Themas* constituídos pela raiz com o sufixo *a*

Em *sanskrito* como no *latim* encontram-se numerosas formas do presente constituídas deste modo.

No *latim*, porém, em virtude da *phonologia* e diferenciação das formas pessoais, o sufixo toma as formas:

*o*, primeira singular.

*i*, 1.ª pl., 2.ª sing, pl., 3.ª singular.

*u*, terceira plural.

As formas paralelas entre essas duas línguas mostra que o *o* da 1.ª pessoa provem de um *á* primitivo encontrado no *sanskrito*.

Assim *féro* corresponde ao *sanskrito bharámi* em que o *á* é reforçado.

No plural em que esta letra não é reforçada temos *ferimus* e não *feromus*.

3.º *Themas* constituídos pela raiz reduplicada.

O numero destes *themas* é muito pequeno em *latim*.

Quando a raiz termina em consoante junta-se-lhe o sufixo *a*, quando termina em vogal esta é considerada como se fosse aquelle sufixo.

4.º *Themas* constituídos pela raiz com o sufixo *na*.

Neste caso ou o *thema* conserva o valor da letra *n* do sufixo: *linít* raiz *li*, *cernít* raiz *cer*, ou então o *n* é arrastado para o interior da raiz e fica unido aos outros sons; *vincit*, *victum*; *iundit*, *fudi*, *fusum*; *frangit*, *fregi*, *fractum*.

5.º *Themas* constituídos pela raiz com o sufixo *ska*.

A esta classe pertencem: *g—nascor*, raiz *gna*; *glescit*; *pascit*, raiz *pa*.

Este sufixo *ska* constitue formas conhecidas ordinariamente como inchoativas.

O sufixo *ska* existe também no verbo *miscere*;

fundio-se em latim intimamente com a raiz de modo que percorre todas as formas do verbo e apparece nos derivados : *miscetti, mixtus*

6.º Themias constituídos pela raiz com o suffixo *ta*.

Este suffixo vem sempre depois de raizes terminadas por guttural : *pectit, plectit*.

Em portuguez as desinencias destes cinco ultimos casos ou se conformam com as dos themias dos verbos em *e* e soam como diz A. Coelho.

1.ª singular *o*, 2.ª *e*, 3.ª *e*, *devo, debes, deve*.

1.ª plural *é*, 2.ª *é*, 3.ª *e*, *devemos, deveis, devem* ou conformam-se com a dos themias dos verbos derivados em *e* e soam :

1.ª singular *o*, 2.ª *e*, 3.ª *e* : *visto, vestes, veste*.

1.ª plural *i*, 2.ª *i*, 3.ª *e*, *vestimos, vestis, vestem*.

Deve-se observar, porém, que depois do *z* ( *c* latino ) e *r* cõe o *e* final da 3.ª pessoa singular, que não é protegido pela desinencia pessoal : *dis, induz, quier*, mas no imperativo *dize* etc.

7.º Themias constituídos pela raiz com o suffixo *ja*.

A vogal *a* que no sanskritto fica reforçada, soffre em latim as mesmas modificações que o suffixo *a*. Assim do primitivo *ja* da primeira pessoa do singular do sanskritto, em latim apparece *io* (*jo*) ; de *ja* das outras pessoas vem *ji* onde o *j* cõe fica *iu* (*ju*) : *capio* por *capiom* de *capjomi* ; *capis* por *capjis*, de *capjasi* que fazem *cepi, captum*.

Da mesma forma : *fugio, fugi, fugitum* ; *facio, feci, factum*.

Como vemos o *j* do suffixo só apparece em latim na 1.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural.

Em portuguez não se encontram vestigios d'elle na 3.ª pessoa do plural : de *fugiunt*, vem *fogem* ; de *fictunt* vem *fazem*.

Na primeira do singular, porém, ora syncopa o *j* depois d'elle ter influido sobre a consoante precedente, ora arrasta a semivogal *j* por metathese para o anterior da raiz.

Assim temos, ora *jazo* de *jacio*, *fujo* de *fugio*, *faço* de *facio*, ora *caibo* de *capio*, *paio* de *pario*.

Em *sei* de *sapio*, o *i* final representa o *j* do suffixo: de *sapio* veio *saibo*, donde por syncope do *b*: *saio*, e *seio*.

A queda do *o* deu-se para evitar a homonymia *seio* (*sinus*).

Confessa em todo o caso Ad. Coelho, que não confia muito nesta explicação. E' possível que a queda do *o* seja puramente mechanica.

## V

No dominio da etymologia verbal falta-nos ainda analysar a formação dos themas compostos do *perfeito* latino.

Em latim são dous esses themas: em *si*, *ui*, ou *vi*.

A primeira fórma *si* é originada da seguinte maneira: da raiz *es*, pelo processo de formação de themas simples do *perfeito*, veio naturalmente *es-es-i* donde *s-es-i*; depois prevalecendo sempre a syllaba reduplicativa formou-se *si* que juntou-se a raizes verbaes, apparecendo em regra depois de guttural, dental ou labial: *duc—si* raiz *duc*, presente *duco*; *lu—si* de *lud—si*, presente *ludo*; *serp—si* presente *serpo*.

Depois de *l*, *si* so apparece em *vul—si*, presente *vello*; depois de *n* em *man—si*, presente *maneo*.

Quando as formas radicaes terminam em *m* intermedeia-se um *p* antes de *si* para evitar a ligação *ms*: *sump—si*, presente *sumo* etc.

A conjugação portugueza só tem um *perfeito* em *si* que é o da raiz *dic*:

*disse*  
*dissêste*  
*disse*

*dicsi*  
*dicsisti*  
*dicsit*

O segundo thema do perfeito composto é *ui* ou *vi*. Quando precede consoante usa-se *ui*, quando vogal, *vi*: *crep-ui*, *ama-vi*.

Para demonstrar que esse thema é o perfeito da raiz *tu*, descoberta de Bopp, perderíamos grande espaço de tempo, sem grande resultado para os estudantes.

Além disto, é o proprio Ad. Coelho que, baseado nas diversidades de opiniões de Corssen, Schleicher, Schweiser-Sidler e Bopp, que explicam estas formações, diz que si algumas d'estas questões acham-se resolvidas, outras carecem ainda de ser aprofundadas e vistas por todos os lados.

De todas as provas que elle accumula para demonstrar que *vi* ou *ui*, é thema do perfeito da raiz *tu*, a mais clara e logica é a que appresenta com o verbo *possum*.

Este verbo é, todos o affirmam, composto do verbo *sum* e *pot*, dahi *potes*, *potest*, *potero* etc. : entretanto no perfeito é *pot ui* em vez de *pót-fui*.

Em portuguez não ha esta grande variedade de formas que tanto difficulta o latim.

A nossa lingua modifica phoneticamente as formas latinas limitando a um só molde os verbos primitivos ou derivados.

Observemos essas modificações :

1.º—Verbos em *a* (1ª conjugação)

<i>amei</i>	<i>amavi</i>
<i>amaste</i>	<i>amavisti</i>
<i>amou</i>	<i>amavit</i>
<i>amamos</i>	<i>amavimus</i>
<i>amastes</i>	<i>amavistis</i>
<i>amaram</i>	<i>amaverunt</i>

A syncope do *u* é facto que observa-se no proprio latim vulgar, como diz Corssen.

A mudança do *ai* em *ei*: *primairo*, metathese de

*primario* deu *primeiro*, etc., é natural em portuguez assim como o desapparecimento do *vi*, *ve* no plural.

A forma *vi* em portuguez mudou-se em *u*; explica-se: *Nauta* ao lado de *navita*, *naufragus* por *navi-fragus*.

Houve syncope do *i*, e ficando o *v* entre duas consoantes mudou-se em *u*.

O *a* latino em *amavit* transformou-se em *o*: *amou*, o que tambem vemos em *aurus*, *ouro*; *thesaurus*, *thesouro*.

2.º Terminação do perfeito dos verbos em *e* (2.ª conjugação.)

<i>devi</i>	<i>debevi</i>	ou	<i>debui</i>
<i>deveste</i>	<i>debevis</i>	ou	<i>debuisti</i>
<i>deveu</i>	<i>debevi</i>	ou	<i>debuit</i>
<i>devemos</i>	<i>debevimus</i>	ou	<i>debuimus</i>
<i>devestes</i>	<i>debevistis</i>	ou	<i>debuistis</i>
<i>deveram</i>	<i>debeverunt</i>	ou	<i>debuerunt</i>

Analysemos :

Na 1.ª e 2.ª do singular e plural syncopou-se o *v* do *vi*, contrahindo depois o *ei* em *i* na 1.ª singular e em *e* nas outras pessoas.

Na 3.ª pessoa do plural, houve syncope do *v* e os dous *ee* contrahiram-se num.

Na 3.ª pessoa do singular dá-se o mesmo phenomeno dos verbos da 1.ª conjugação: a forma *vi*, é representada por *u*.

3.ª Terminação do perfeito em *i* (3.ª conjugação.)

<i>vesti</i>	<i>vestivi</i>
<i>vestiste</i>	<i>vestivisti</i>
<i>vestiu</i>	<i>vestivit</i>
<i>vestimos</i>	<i>vestivimus</i>
<i>vestistes</i>	<i>vestivistis</i>
<i>vestiram</i>	<i>vestiverunt</i>

O *v* da forma *ei* cae, é este um phenomeno muito natural em latim nos verbos em *i*, como diz Neue.

Pela queda do *v* os dous à contrahiram-se; a transformação do *v* em *u* já se acha explicada.

Os perfeitos latinos em *ui* que o portuguez conservou somente modificados phonicamente, são:

a) perfeito de *habere*; *houve* por *haube*: *habui*; *houveste* por *haubeste*: *habuiste*.

b) de *capere*:

*coube* por *caube*; *capui*

c) de *sapere*:

*soubes* por *saube*: *sapui*

d) de *posse*

*pude* por *poude*: *potui*

*pudeste* por *poudeste*: *potuiste*

*poude* (pòde) por *poude*: *potuit*

*pudemos* por *poudeemos*: *potuimus*

*poudestes* por *poudestes*: *potuistis*

*puderam* por *pouderam*: *potuerunt*

Somente com o fim de distinguir a 3<sup>a</sup> da 1<sup>a</sup> pessoa do singular o dithongo *ou* mudou-se em *u*.

e) perfeito de *placere*:

*proue* por *proue*: *placui*

Nos antigos escriptores encontram-se as formas *plouque*, *plouge* ao mesmo tempo que *proue* em Fernão Lopes.

f) de *jacere*: no antigo portuguez: *jouve*: *jacui*.

Actualmente a forma é *jazi*.

g) de *ponere*.

*pús* (puz) por *pous*: *posui*

*poseste* por *pouseste*: *posuisti*

*pôs* (poz) por *pous*: *posuit*

*posemos* por *pousemos*: *posuimus*

*posestes* por *pousestes*: *posuistis*

*poseram* por *pouseram*: *posuerunt*

h) perfeito de *trahere*.

*trouxe* por *trauxe* lat. vulgar *tracsui*

*trouxeste* por *trauxisti*, lat. vulgar *tracsuisti*



O *x* tem o som de *s* e por si apparece mudado em *g*: *trouge*, e acha-se syncopado em *trouve*, *trouveste* etc., onde o *v* foi introduzido para evitar o hiato resultante da queda da consoante medial como prova *couve* de *cáue* do latim *caule*.

A forma com *x* raramente se encontra nos escriptores classicos.

i) perfeito de *tenere*  
*tive* por *tene*: *tenui*  
*tiveste* por *tenisti*: *tenuisti*  
*teve* por *teue*: *tenuit*

Observam-se as seguintes modificações: a syncope do *n*, a cosonantisação do *u* para evitar hiato, a mudança do *e* em *i* para distinguir a 1.<sup>a</sup> da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, e por analogia da 1.<sup>a</sup> a mesma mudança na 2.<sup>a</sup> do singular e em todas as do plural.

O perfeito do verbo *ter* formou em portuguez o perfeito da *sta*: *estive*, *estiveste* etc., e um antigo do verbo *ser*: *seve*, *severom* de que se encontram exemplos em D. Diniz, J. Pedro Ribeiro, Azurara nas Chronicas de Guiné, etc.

## VI

Sob o numero V tratámos da formação dos themas compostos do perfeito latino.

Agora vamos nos occupar do *futuro* do indicativo e do conjunctivo, do *mais que perfeito* e do *imperfecto* daquelles modos.

*Futuro do indicativo.*

Em portuguez o futuro latino em *bo* desapareceu completamente, pelo facto de se confundir com as formas de outros tempos.

Por isso foi pelo latim empregado uma outra forma d'esse tempo, composta com o verbo *habere* que se encontra em Cicero.

Todas as linguas, com excepção do valachio, aproveitaram esse modo de construcção, collocando o verbo *habere* depois do infinito do verbo, de maneira que com o correr do tempo as duas palavras agglutinaram-se.

Antonio Nobrissa (1492) em sua Grammatica hespanhola e Duarte Nunes Leão na Origem de Lingua Portugueza foram os primeiros que reconheceram esta formação. (1).

E' este um assumpto dizemos nós, que se faz muito necessario repetir tanto que fôr possível, pois que a ignorancia ou descuido de grande numero de nossos grammaticos tem escurecido um ponto tam importante da etymologia portugueza.

E admira que falando muitos d'elles em tinese, não expliquem as formas do futuro e condicional.

Não cessemos de repetir que o futuro é um tempo composto com o presente do verbo *haver*.

No provençal ha exemplos de igual composição, embora desjuntada por artigos ou pronomes :

*Dir vos ai*

*Donar lo us ai*

*Donar t'eu he*

*Dir-vos-ei*

*Dar-vo-lo-ei*

*Dar-te-lo-ei*

Deve-se observar que na agglutinação dos verbos *dizer, fazer, trazer* e outros, perdem estes verbos o *s* : *direi, farei, trarei*. Exceptua-se deste caso : *jazer*, que faz *jazerei* e não *jarei*.

O que dissemos sobre o futuro observa-se no condicional com a differença que este é composto com o imperfeito do verbo *haver* : *hia* por *havia*.

---

(1) Tudo o que temos dito até agora sobre a etymologia das formas verbaes é o transumpto da «Theoria» de Ad. Cœlho.

E' notavel, porém, que Julio Ribeiro que em muitissimos logares o copia *ipsis verbis*, neste ponto esqueça-se de cita-lo.

O futuro do subjunctivo do portuguez não existe no latim, e corresponde ao futuro perfeito.

Assim o futuro *amar*, *amares* etc., provém de *amavero*, *amaveris* etc., pela syncope do *v* e desapparecimento da vogal atona substituída pela accentuada.

Provavelmente na 1.<sup>a</sup> pessoa singular o *o* final cae precedido de *r*.

O mais que perfeito do indicativo conserva-se em portuguez syncopando-se o *ve* : *cantaverant* = *cantaram*.

Soffre tambem a deslocação do accento na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> plural : *cantarámus*, *cantarátes* : *cantáramos*, *cantáreis*.

Sobre o imperfeito do indicativo já tratámos quando nos referimos aos themas simples.

Temos que falar agora dos themas compostos d'este tempo.

Forma-se elle accrescentando ao thema do presente o thema do imperfeito da raiz *bá* ; do thema do verbo *da* forma-se *daba* ; de *sta*, *staba* etc.

O mesmo com os verbos derivados : *amaba*, *deveba* etc.

Na passagem para o portuguez deram-se algumas modificações phonicas.

O *b* mudou-se em *v* ;

*amava* de *amaba*

No imperfeito em *eba*, desaparece o *b* e o *e* muda-se em *i* :

*devia* de *deveba*

No imperfeito em *iebam* o *b* tambem é syncopado e o *ie* contráe-se em *i* :

*vestia* de *vestieba*

Sobre os imperfeitos *punha*, *tinha* e *vinha* diz Diez, que é de supôr que se retrahiu o accento para firmar mais o *n* radical que d'outro modo teria cahido como no infinito : empregou-se a forma *pônia* para não fazer desaparecer o *n* em *ponia* e mudou-se o *o*

em *u* e *o* e em *i* para distinguir do presente do conjunctivo.

A terminação *sem* que forma o imperfeito do subjunctivo é originada de *esem* que devia ter sido o optativo da raiz *es*, *esam*, como prova *amamus*, optativo *amemus*.

Em portuguez estas formas originam-se do mais que perfeito do optativo latino :

<i>amasse</i>	de	<i>amavissem</i>
<i>fosse</i>	de	<i>fuissem</i>

Houve no primeiro caso simples apocope common de *vi*.

Falta-nos somente traçar as notas sobre as formas nominaes do verbo no *Infinito*.

O verbo latino forma-se pela junção do elemento *re* ao thema do presente: *ama-re*, *mone-re*, *vesti-re*. É bom notar-se que o *r* não é um som primitivo nesse elemento, mas provém de um *s* primitivo, como prova as formas *es-se*, *pos-se*.

Em alguns casos houve assimilação: *fer-re* por *fer-se*; *vel-le* por *vel-se*.

Em portuguez desapareceu o *e* final e fundiram-se numa as formas de *ere* breve e *ere* longo, confundindo-se as formas dos verbos primitivos com as dos derivados em *e* e *i*.

Foi só o portuguez, unica lingua romanica, que deu flexão pessoal ao infinito.

*Participio do presente.*

Este participio é formado por meio do suffixo *ant* que perde a vogal *si* por ella termina o thema, e que transforma-se em *ent* e *unt*.

Em portuguez o participio presente é usado como simples adjectivo ou substantivo.

No artigo portuguez, entretanto, conservava toda a sua força participial.

Em portuguez ao lado de *oriente* e *occidente* appa-

recem nascente e poente ; de *legent*, *lente* part. de *lego* ; *tirante*, *caminhante* etc.

### *Gerundio.*

Segundo Corssen o suffixo *ondo*, *undo*, *endo*, *ndo* do gerundio e do participio do futuro passivo é composto do suffixo *on* e de *do*.

Em portuguez não ha participio do futuro passivo embora appareçam palavras constituidas pelo mesmo processo : *gemebundo*, *segundo* etc.

Das formas do gerundio, só permaneceu o ablativo : *amando*, *vivendo*, *vestindo*.

### *Participio passado.*

E' formado em latim por meio do suffixo *to* junto a forma radical : *dato* ; ou por meio de uma vogal ligativa : *gen-i-to* ; ou pela junção aos temas verbales derivados : *amato*.

Em portuguez conservou-se a forma dos participios derivados em *a* e *i* (*ato* e *ito*) abrandando-se o *t* em *d* : *amado*—*amato* ; *vestido*—*vestito*, na 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugação.

Na 2.<sup>a</sup> conjugação o portuguez á semelhança das outras linguas romanicas adoptou o suffixo *uto* : *tributo*, *arguto* etc.

O suffixo portuguez *uto*, ainda usado no seculo 16.<sup>o</sup> foi substituido pelo participio *ido* : *vencido*, *comido* etc.

No portuguez moderno só temos como vestigios do suffixo *udo* : *teudo*, *manteudo* (usados numa formula conhecida das Ordenações), *sanhúdo* e o substantivo *conteúdo*.

O *supino* latino desapareceu no portuguez.

O *participio do futuro* não existe em nossa lingua com força participial.

Possuimos algumas palavras como : *immorre-*

*douro, vindouro, casadouro* etc., formadas pelo suffixo *douro*. Com o suffixo *turo* temos *futuro, ventura, sepultura* etc., que em latim já eram substantivos.

## VII

Methodicamente explicamos a formação das tres pessoas do singular e plural dos verbos latinos, a dos tempos e modos, comparando todo o processo com a conjugação portugueza.

É agora occasião de tratar das vozes que os verbos affectam.

Como é sabido os verbos latinos e portuguezes conservam tres vozes activa, passiva e reflexa.

Sobre a activa e reflexa nada se nota de extraordinario.

Entretanto, preciso é deter-nos ante a voz passiva, que tambem tem o nome de media passiva ou passiva reflexa.

O latim, ao contrario do sanscrito e grego, perdeu a primitiva voz media, e procurou um outro modo de formação.

Então recorreu ou ao processo de juntar ás formas do activo o pronome reflexivo *se*; ou ao de construir o participio medio *mino* com o verbo *esse* que algumas vezes ficava occulto.

Do primeiro caso temos *amo-se*, e do segundo *ama-mino-ssum*.

Comparativamente com o processo latim, o processo de nossa lingua é differente.

Emquanto o latim exprime-se por desinencias, o portuguez compõe uma forma com o verbo *ser* e o participio passado :

*amor* portuguez *sou amado*

Note-se, porém, que esse processo já existia em Latim no tempo de Cicero.

Tambem o portuguez renova o modo apassivador latino de *se reflexivo*, processo que se encontra tambem no slavo, notando-se, porém, que só o usamos nas terceiras pessôas.

A origem do pronome *se*, oppõe-se a ser considerado sujeito, visto como no latim não tinha elle nominativo. Na phrase : *Dança-se* e em outras semelhantes, o sujeito é um substantivo incluído no verbo, que no exemplo dado vem a ser *dança*. Em latim dizia-se : *pluvia pluit : a chuva chove*.

Dizer-se que a particula *se* deriva-se de *on* é o maior absurdo. Pois, porque ás vezes parecem ter o mesmo valor syntactico, uma forma origina-se da outra? Esta é igual ao dizer-se que *cordeiro* vem de *agnus* e *casa* de *domus* !! Como seria facil o estudo da etymologia e morphologia portuguezas !!!

Esta confusão tem dado logar a empregar-se a voz passiva com o pronome, onde parece ser o *se* sujeito indeterminado.

Sobre este caso devemos considerar no que diz Ad. Coelho :

« A lingua tem perdido muito a consciencia do character d'estas construcções ; d'ahi vem o emprego do verbo no singular com o sujeito no plural : *sabe-se noticias*, *conta-se casos*, e outras tam frequentes no falar usual e na linguagem descurada das folhas periodicas.

« Nessas phrases incorretas *se* adquire quasi um valor de indefinido, empregado como sujeito da proposição, e corresponde apparentemente ao francez *on*. »

E' assim, diz elle, que as linguas se alteram, e que as monstruosidades (o nome convém a cousa) nascem nellas do esquecimento da funcção primitiva de seus elementos. »

Possuimos em portuguez muitos verbos activos cuja origem é um verbo passivo *falar* (*fabulari*) ; *morrer* (*morior*) ; *querer* (*queri*) etc.

Mesmo em latim vemos verbos empregados na forma depoente :

*adulor-*  
*comperior*  
*imitor*

*adulo*  
*comperio*  
*imito*

Em portuguez os verbos intransitivos não são usados na voz passiva.

Não vem fóra de termo dar uma ligeira explicação da formação passiva em latim por meio de suffixos, que somente se acrescentam no presente, imperfeito e futuro do indicativo, no imperativo, e no presente e imperfeito do subjunctivo.

Nos outros tempos o latim exprimia a voz passiva que o verbo *sum*, *es*; *fui*, *esse* e o participio preterito em *tus* : *amatus sum*, *amatus fueram* etc.

Com o primeiro modo a passividade era assim feita :

1.<sup>a</sup> pessoa do singular indicativo.

A forma activa acrescentava-se um *r* que é originado de um *i* pronome reflexvo *se* que ficava entre vogaes, vindo afinal a cahir o *e* : *amo—amose*; *amore—amor*.

2.<sup>a</sup> pessoa do singular.

*Ligaris* ou *ligare*. Depois de juntar-se á forma activa *ligas* o pronome *se* foi preciso introduzir um *i* ligativo, mudando o *s* em *r* : *ligasi*, — *legasise* — *ligarise*, que por fim perdendo o *i*, deu *ligaris*.

3.<sup>a</sup> pessoa do singular.

*Monetur*. Depois de praticado o processo geral, introduzio-se a vogal ligativa *u*.

1.<sup>a</sup> pessoa do plural.

Com a forma activa *amamus* constituiu-se a forma passiva como as pessoas do singular, *amamus-u-se* (*u* ligativo) e depois *amamur-u-r*; e pelo principio da dissimilação que manda destruir os elementos phoneticos eguaes numa palavra : *amamur*.



Explicam tambem assim: em *amamur-u-r*, cae o *u* e apparece *amamurr* e como a lingua não consente dous *rr* na desinencia, ficou *amamur*.

2.<sup>a</sup> *pessoa do plural.*

Emprega o latim nesta pessoa o seu segundo processo de que falamos a principio: *ama-mini*, em lugar de, pela regra geral, dever fazer *amateris*.

3.<sup>a</sup> *pessoa do plural*

Nada appresenta de novo.

A forma *monentur*, por exemplo. é o resultado do *u* ligativo *monentu-se*, em que o *s* transformado em *r* e o *e* cahindo dá: *monentur*.

A mesma explicação se pode fazer a respeito do imperfeito, futuro etc.

Os grammaticos costumam dividir os verbos em transitivos e intransitivos conforme a acção passa ou não além do sujeito que a pratica; em defectivos aquelles que não se usam em algumas linguagens; unipessoaes, os que só se conjugam nas terceiras pessoas; e regulares e irregulares conforme seguem ou não a norma da conjugação a que pertencem.

O portuguez poucos verbos defectivos possui, e o uso muito concorre para sua completa extincção.

O grande factor d'esta classe de verbos é a euphonia.

Por isso não se usam as flexões em *o* e *a* do verbo *precaer*: *precao*, *preca*.

Do verbo *soer* só se usam *soe*, *soes*, *soem*, *soia*.

Incluem os grammaticos na classe dos defectivos os verbos *brandir*, *colorir*, *carpir*, *feder*, *fruir*, os verbos em *olir*, *orir* e outros.

Entretanto ja dizemos *fruo* e R. Ortigão empregou, como diz Julio Ribeiro: *colorem*.

Bem affirmamos nós que o uso vae extinguindo com razão uma grande classe de verbos defectivos.

Os verbos unipessoaes são de duas especies; proprios, quando sua acção so é exercida por um sujei-

to unico ; por uso, quando o verbo pessoal se torna impessoal por alteração de significação.

Nesta ultima classe está incluído o verbo *haver* de que iremos tratar.

Essa divisão influe muito sobre a grande questão do tam decantado verbo *haver*.

Vimos esta divisão bem expendida pelo nosso illustre mestre e amigo Dr. Manoel B. Pereira Dié-gues Junior, cerebração possante e mal apreciada em nosso meio cultural.

---

## XII

### *I Verbo HAVER—II. Flexão pessoal do infinito.*

#### I

A questão sobre o verbo «*haver*» cuja syntaxe torna-se para alguns espiritos uma das maiores dificuldades da grammatica, parece estar hoje, graças ao estudo historico-comparativo das linguas, considerada uma questão vencida, ou pelo menos de mais facil explicação.

O digno preceptor da mocidade Alagoana, o Dr. Diégues Junior, cujos traços luminosos de sua intelligencia aqui em Pernambuco ainda se conservam vivos no coração de seus discipulos, foi a nosso ver, quem melhor clareou a questão.

Em sua Grammatica (1877), diz que os verbos podem ser impessoaes por essencia e por uso, e include no segundo caso o verbo *haver*.

Entretanto Julio Ribeiro que tambem considera este verbo como impessoal em certas orações, acrescenta que elle não necessita de sujeito claro, sua syn-

taxe é semelhante a dos verbos *chover*, *trovejar* ou outro qualquer.»

Mas, perguntamos, na phrase *ha homens* que função exerce *homens*?

Em *chove*, *troveja* etc, o sujeito não vem claro porque está incluído na própria significação do verbo; é este um facto commum na lingua.

E' o que observamos nas palavras cognatas.

Assim quando a idéa expressa pelo sujeito está incluída na própria significação, não se emprega o verbo com o mesmo sentido ou significado; ou melhor, si empregarmos o sujeito *defunto* não usamos do verbo *morrer* porque a idéa de morte já está incluída na significação do sujeito.

Com o verbo *haver*, o sujeito occulto é logicamente formado da idéa do complemento.

Em *ha homens*, o sujeito é originado da idéa da palavra *homens*, que vem a ser a *sociedade*, o *mundo*.

Nas linguas, como nas sociedades, como no direito ha duas forças: uma estatica e outro *dynamica*.

Nas linguas a primeira d'estas forças é representada pelo povo, que conserva mais as palavras em sua primitiva origem, e usa mais dos archaismos.

Pois bem, é no povo que encontramos a perfeita confusão entre o verbo *haver* e *ter*, parecendo mostrar que para elle, ou antigamente es dous verbos tinham a mesma função, indentico significado.

Diz elle: *hoje TEM missa*, por *HA missa*.

Quem se dedica ao ensino, muitas vezes observa as transformações phoneticas de umas palavras, certas regras baseadas no estudo comparativo e na pratica, todas ellas palpitantes nos erros das provas de portuguez dos alumnos.

Exemplifiquemos:

Quantas vezes os nossos discipulos escrevem *leones*?

Não é este o meio de provar-se etymologicamente a razão do plural em *ões* dos substantivos em *ão*?

Quantas vezes dizem *trouve* ?

Não é esta a primitiva forma do perfeito do verbo *trazer* ?

Finalmente, quantas outras vezes descrevendo uma sala não dizem : *Tem* de um lado uma porta, *tem* de outro etc.

Não está bem patente a confusão dos verbos *ter* e *haver*, exprimindo ambos a posse ?

Os *NOSSOS* HAVERES não significam os *NOSSOS* TERES, os *NOSSOS* POSSUIDOS ?

Vergueiro e Pertence na sua metaphysica linguistica, diz, contra todos os factos da lingua, que o verbo *haver* empregado no sentido de *existir* usa-se nas terceiras pessoas do singular ainda que o sujeito seja da 3.<sup>a</sup> pessoa do plural.

Esta opinião prende com mais facilidade o espirito dos simples por ser de mais ligeira comprehensão e mais facil analyse.

Para explicarem a discordancia entre o sujeito e o verbo, classificam este facto de *idiotismo*, recurso extremo dos que não aprofundam as questões grammaticaes.

Uma outra theoria, tam absurda como esta, é sustentada e d'ella nos dá uma amostra Sotero dos Reis :

«O verbo impessoal *haver* cuja significação é a mesma de *existir* emprega-se ordinariamente com o sujeito grammatical occulto : classe, genero, especie, porção, quantidade, numero, espaço, etc., e um complemento desse sujeito precedido da preposição *de* tambem occulta. Exemplo em Camões :

*Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes  
Alguns traidores houve algumas vezes*

A syntexe regular é : *Dizei-lhe que tambem NUMERO DE traidores* etc.

Esta theoria não assenta em facto algum linguistico, é um mero sophisma.

Do tudo quanto acabamos de expender, claro está que é nossa opinião a que dá como significado verdadeiro do verbo *hacer*: *possuir, ter*.

Neste caso, o sujeito da oração está occulto e uma simples reflexão com facilidade descobrirá um nome colectivo no qual esteja contido o complemento grammatical:

*Hacerá lances:*

*A vida, ou o tempo possuirá ou terá lances.*

A analyse da phrase franceza *Il y a des hommes* manda considerar *des hommes* como complemento e *il* (indeterminado) como sujeito.

E' esta a theoria que melhor explicação historica e scientifica encontra e a favor de quem militam não só a origem do verbo *hacer, habere* (ter) como a classica phrase citada por João Ribeiro:

«E elle *havia* nome Antão.

## II

Ja dissemos que o Portuguez era a unica lingua neolatina que dá flexão pessoal ao infinito presente, e constitue o que se chama *idiotismo*.

E' preciso, entretanto, affirmar tambem que no dialecto gallego encontram-se fórmas com esta flexão, como se vê em *Espana Sagrada: Para sairem e entrarem*. (Apud Julio Ribeiro).

O uso do infinito pessoal que tanta clareza traz ao sentido da phrase data do seculo 13.º.

O infinito representa uma acção vaga e indeterminada.

E' um dos pontos de grammatica que mais difficuldade traz aos estudantes o emprego do infinito pessoal.

«Uma das causas e talvez a primeira, diz Silva

Tullio nos *Estudinhos da Lingua Patria*, porque nos authores apparecem alguns d'estes erros, é devida á influencia que a litteratura hespanhola exerceu na lingua portugueza.

Porque, não possuindo aquelle idioma este tempo, fez com que alguns authores usassem o castelhanismo de empregar o impessoal quando deviam empregar o pessoal.

E hoje a influencia da lingua franceza faz tambem com que se empregue o impessoal quando se deve empregar o pessoal ».

Ad. Coelho julga da mesma fórma que : « as construcções do infinito com pronomes nas chamadas orações do modo infinito, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realisado da função verdadeira do infinito, a analogia, explicam-nos perfeitamente este facto peculiar do portuguez.

As outras linguas romanicas conservaram neste ponto mais fielmente a tradicção da lingua mãe. »

Diversas são as regras estabelecidas para o emprego do infinito pessoal.

D'entre ellas uma, sobre que em geral estão os grammaticos de accordo, é a seguinte :

Usa-se do infinito pessoal quando tem sujeito proprio.

Felizmente Julio Ribeiro em sua *Grammatica* protesta contra esta regra e entre duas indicações diz :

« *Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou no impessoal é indifferente que elle tenha ou não sujeito proprio.*

A não ser assim, dizemos nós, Camões, o mestre da lingua, errou quando em seu *Lusiadas*, escreveu no Canto 7.<sup>o</sup> estrophe 72 :

*E FOLGARÁS de VERES a policia.*

O mesmo aconteceria com Alexandre Herculano :

As aves PARECIAM nos seus vôos incertos, ora rágarosos, ora rápidos, FOLGAREM com os primeiros dias das estações dõs amores.

Em Padre Vieira :

*E' necessario para se CONSERVAREM nesta nova representação e para GOVERNAREM como DEVEM que se APARTEM de suas proprias raizes.*

Julio Ribeiro dá duas listas de phrases em que era o infinito é empregado pessoalmente ora impessoalmente.

Sujeito differente :

*E' tempo de PARTIREM.*

Sujeito proprio :

*Não TENS vergonha de GANHARES a tua vida, tam torpemente.*

Portanto é necessario abolir de vez aquella regra e observar as seguintes :

Emprega-se o infinito pessoal: 1.º quando se poder substitui-lo pela linguagem do indicativo ou subjunctivo, exemplo : *Para SERMOS (para que seiamos) mais do que somos, não é necessario multiplicar homens.* Antonio Vieira.

2.º Quando houver necessidade de clareza :

*Compri um livro para (tu) LERES.*

*Compri um livro para (eu) LER.*

Em qualquer outro caso deve-se usar do infinito impessoal, devendo-se attender principalmente para clareza e elegancia da phrase.



## XIII

### *Palavras invariáveis*

O *adverbio* (*ad-verbum*) na opinião de Court de Gebelin, de Bergman e de outros mais, só modifica a verbo.

Mas attendendo-se ás phrases *muito sabio, muito sabiamente, comi muito* e semelhantes, é hoje opinião assentada que a sua missão é modificar também ao adjectivo e a outro adverbio.

Os adverbios exprimem diversas circumstancias : de modo, tempo, ordem, quantidade, lugar etc.

Em regra os adverbios são de origem latina, e o typo em *er* d'esta lingua foi substituído em portuguez pelo typo em *e*.

A grande classe dos acabados em *mente* é formada pela ligação d'esta terminação á forma femenina do adjectivo : *sabiamente*.

A par d'esta ha uma outra serie de adverbios de formação vernacula : *ante-hontem, d'ora em vante, ás caladas* etc.

De derivação latina temos : *acaso* de *ad casum* ;

*acima* de *ad cima* ; *agora*, *hac hora* ; *amanhã*, *ad mane* ; *arriba*, *ad ripam* (para a praia) ; *assás*, *ap satis* ; *avante*, *ab ante* ; *ahi* antigamente *i*, *hi* (na letra *a* da-se a figura prothese, e *hi* é o latim *ibi* em que a consoante é syncopada ; *como*, *quo modo* ; *hoje*, *hodie* ; *ja*, *jam* ; *hontem*, *hodie ante*, *ad noctem* ou *ante diem* : *talvez*, *tale vice* ; *quiça*, do italiano *chi sa* ou do latim *qui sapit* ; *quando*, *quando* ; e outros como *antes*, *fôra*, *longe*, *nunca*, *onde*, *quanto*, *tam tanto*, *tarde* etc. que conservaram a mesma orthographia latina.

Sobre *ahi* que origina se segundo alguns de *hic* ou de *eccu'istic*, temos a observar que corresponde ao francez *y* e que apparece com esta funcção no Italiano, Provençal, Hespanhol e no antigo Portuguez :

*Não ha HI quem me socorra ?*

Chronica do Condestable 1626.

*Que geração tam dura ha HI de gente ?*

Camões C. II. Est. 81.

O adverbio *debalde* é arabe, e *amem*, hebraico. *Pouco*, *paucum* formava no seculo 16.<sup>o</sup> uma construcção adverbial : *Pouco de proveito*. Mesmo hoje diz-se : *uma pouca de agua*.

Empregamos tambem adjectivos com força adverbial : comprar *caro*, falar *baixo*.

Em latim existe o adverbio *plus* que actualmente não tem correspondencia em portuguez e que significa o mesmo que *magis* = *mais*. Entretanto encontra-se esta palavra em documentos do principio do seculo 14.<sup>o</sup>

Do meiado d'este seculo em diante não será facil, diz Theophilo Braga que se encontre uma só vez. E' tambem raro nos livros de 1300 a 1330.

No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, segundo Varnhagem encontra-se a phrase : *Nunca CHUS algo fazer*.

Em Portuguez só é empregado na phrase popular :  
*Nem chus, nem bus.*

A *preposição*, como já dissemos, apresenta no latim e em outras linguas, vestigios de grãu : *in, inter, intimus* ; *ex, extra, extremus* ; *cum, contra* ; *præ, preter* ; *sub, super, supremus* etc.

Uma outra particularidade observa-se nas preposições *a, de, em, por*, que é o phenomeno da contracção com os artigos definidos.

As preposições derivam-se de participios : *salvo, durante* que se tornam invariaveis ; ou de preposição e adverbio : *deante* etc.

Neste ultimo caso exige a syntaxe que se colloque a mesma preposição antes do nome : *Deante de mim.*

As preposições tem origem-latina geralmente, mas conforme as relações que indicam, mudam muitas vezes de derivação.

Assim *a* origina-se de *ad, ab* e *apud*.

Sobre a etymologia das preposições é geral o accordo dos grammaticos.

Uma simples observação facilmente descobre a palavra originaria em latim : *ante, ante* ; *contra, contra* ; *com, cum* ; *em, in* ; *entre, intra* ; *sob, sub* ; *sobre, super* etc.

Conservamos em composição muitas preposições sem alteração de sons : *Extraordinario, supramencionada, interregno.*

Em outros casos ha uma pequena alteração. *Postpor* (*post-pôr*) ; *transmontana* (*trans-montana*).

A preposição *por* tem duas origens : *pro*, e *per*, sendo que esta confusão já era commum na baixa latimidade : *Per omnes montes ac pro illes locis* (*Hespana sagrada* XXVI, 443 (Diez).

Pouco a pouco, porém, a forma *pro* supplantou a forma *per* e assim *pelo, pela, pelos, pelas* venceram no seculo 17.º a *polo, pola, polos, polas*. A forma *per* só se usa em composição e na phrase de *per si*.

*Per* passou para o portuguez com a significação de *deante*.

As *conjunções* são originadas do latim, e exercem a função de indicar a relação entre duas orações.

Derivam-se : *mas* de *magis* ; *ora* de *hora* ; *ou* de *aut* ; *si* de *si* ; *pois* de *post* ; *e* de *et*, etc.

A conjunção *e* tem às vezes função de preposição, mostrando a natureza da relação entre dous termos, equivalendo à preposição *com* : *cinco e cinco*.

Esta conjunção muitas vezes conserva a forma archaica *a*, como *dezaseis*.

Diz João Ribeiro que a forma *ende* (ainda, *inde*) permanece na lingua com a forma *em* nas seguintes expressões :

- em que pese a F—
- ende que pese a F—
- ainda que pese a F.

Sobre as *interjeições*, encontramos em nossas notas a seguinte observação, não sabemos de quem :

« As interjeições não pode caracterisar o genio de nenhuma lingua, porque pertencem geralmente a todas. São gritos naturaes, indicativos de dôr ou da alegria que relativamente se observam nas aves e nos quadrupedes, e por este motivo julga-se que taes gritos não devem reputar-se partes da oração. »

E' esta opinião que predomina entre os grammaticos.

Bréal diz que as interjeições semelham certas raças selvagens, que embóra vivendo a par da civilisação conservam-se todavia afastadas, independentes, nunca assimiladas nem destruidas.

As interjeições são gritos naturaes e expontaneos; entretanto existem algumas meramente convencionaes, mas que de tam usadas e communs que são já empregam-se insensivelmente, demonstrando um sentimento intimo.

Entre as primeiras temos: *oh! ah! ui! hein! hip! psio! olá!* etc.

Entre as segundas: *coragem! misericordia! diabo!* etc.

Empregamos tambem muitas interjeições de linguas estrangeiras:

Latim: *Apagé! eia! sus!*

Italiano: *bravo! presto!*

Inglez: *hip! hurrah!*

Francez: *vlan! brouhaha!*

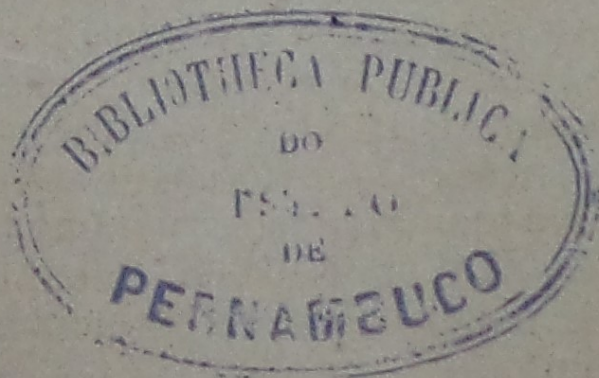
Arabe: *Oxalá!* (*En-xa-Alah*: Deus queira)

A interjeição *ak d'el Rei* ou *aqui d'el-rei* é no primeiro caso de origem celtica, e no segundo de formação portugueza.

Dizem Pacheco e Limeira ser: *Aquiidelrei*. Doc. 1733.

Ao lado d'estas interjeições existem outras improprias — formas abreviadas:

*Hom'essa! Ave Maria! Sasa! Adeus!*



## I N D I C E

Prologo .....	3
I—Nomes dados á sciencia da linguagem.— Sua classificação. — Formação da lingua- gem .....	5
II—Alphabetos.—Classificação das linguas.— Qual a que deu origem ás indo-européas	13
III—Origem da lingua portugueza—O latim..	21
IV—O Celticismo.....	27
V—Ligeira noticia da formação do lexico por- tuguez.....	33
VI—Lexico portuguez.—O latim.....	39
VII—Dialectos.—Dialecto brasileiro.—Diale- ctos portuguezes.—Edades da lingua por- tugueza.....	45
VIII—Substantivos.—Adjectivos.....	55
IX—Artigo.—Pronomes.—Collocação dos pro- nomes.....	61
X—Flexões nominaes.—Declinações em por- tuguez e latim.—Graus.....	67
XI—Flexões verbaes.....	79
XII—Verbo Haver.—Flexão pessoal do infi- nito.....	107
XIII—Palavras invariaveis.....	113



806.90

F383L

Ferreira, Julio Pires

1-2-5

